

85
/ 5

O heiro de Graças



J. Wiegand del.

Eduardo Salomé,

Impresos de E. Wiedemann

O LIVRO DE ORAÇÕES.

COMEDIA-DRAMA

EM

TRES ACTOS,

ORIGINAL BRASILEIRO

DE

EDUARDO SALOMÉ.

*Representada pela primeira vez no theatro S. Pedro em
Porto Alegre aos 28 de Outubro de 1866.*

PORTO ALEGRE.

Typographia do — Rio Grandense — Praça da Alfandega n. 4.

1868.

PERSONAGENS

COMMENDADOR COSTA.

ALFREDO DE CASTRO.

CARLOS DE CASTRO.

CHERUBINO CHICO.

THOMÉ DE SOUSA.

D. MARIA DE CASTRO.

D. AMELIA COSTA.

MARIA CONGA.

MUSICOS, SOLDADOS ETC.

ÉPOCA — 1865.

ACTO PRIMEIRO.

Scena dividida : á D. jardim com mesa de marmore, bancos etc., e á E. sala de recreio ricamente mobllada. A' D. da sala, um parapeito com columnas e porta para o jardim, á E. portas, e ao F. janellas. Ao F. do jardim, um elegante frontispicio com portão de grades no centro, por onde se vê a estrada. A sala deve ter o assoalho collocado n'uma altura conveniente, para dous ou mais degrãos na porta que dá para o jardim.

Scena 1.

COMMENDADOR E MARIA CONGA.

(Commendador passeando no jardim e tomando matte, de calça de chita, thalma de brim branco e chapéo de palha; Maria Conga varrendo e arrumando a sala, vestida com saia de picote, chale de chita encarnada e lenço atado na cabeça. Esta personagem, alem de pronunciar as palavras como estão escriptas com os accentos proprios, deve evitar a pronuncia do — r — dobrado, quer no principio, como no meio ou fim de qualquer nome.)

COMMENDADOR.

Deita mais agua n'esta cuia, Maria.

MARIA CONGA.

(Recbe a cuia, e sce resmungando.) Remônho de tanto chupa qui chupa, chupa qui chupa...

Scena 2.^a

COMMENDADOR E THOMÉ.

(*Thomé apparecendo no portão.*) Dás licença, commendador ?

COMMENDADOR.

Entra, Thomé; esperava-te com impaciencia.

THOMÉ.

Oh ! meu querido amigo, aqui estou a teus pés ! faz de mim o que quizeres !

COMMENDADOR.

Encontraste o Alfredo na cidade ? Sabes se elle alcançou a licença ?

THOMÉ.

Alcançou; ia tratar d'ella quando o encontrei.

COMMENDADOR.

Bem. Mandaste preparar a minha casa ?

THOMÉ.

Mandei; podes ir já se quizeres.

COMMENDADOR.

A's duas ou tres horas é que tenciono montar a cavallo. O que ha a respeito dos papeis para o casamento ?

THOMÉ.

Uma completa victoria, como sempre, meu rei (disso-

luto ! Amanhã devem ficar promptos infallivelmente... à força de... (*faz signal de dinheiro*)... mas emfim...

COMMENDADOR.

Sabes que está á tua disposição a quantia que fôr necessaria. Quando desejo um resultado satisfactorio em qualquer cousa, abro immediatamente os meus cofres... Tenho certeza de que, por esse meio, hei-de sempre vêr realisados os meus intentos.

THOMÉ.

Apoiadissimo ! (*d'parte.*) Participo do *esguicho*... é preciso animal-o ! (*alto*). Dizes bem. Com essa arma que me proporcionas para combater as opiniões soçiaes, nada se teme... tudo se vence !... O corpo offerece-se victima para qualquer sacrificio, e a consciencia emmudece tomando a figura da justiça ; mas... de *braços cortados*. O que ordenares a este teu amigo e criado, só deixará de ser cumprido, se esta bola em que pisamos perder repentinamente o seu equilibrio !

COMMENDADOR.

Obrigado : tenho certeza d'isso. O que me affligia, era unicamente o receio de que o Alfredo não alcançasse a licença, devido á falta de tempo. Parece de proposito ! Todos os batalhões que por aqui passaram estiveram aquartelados na cidade.... logo este, é que não se demora nem vinte e quatro horas !

THOMÉ.

E' verdade ; chegou hontem á tarde, e ha pouco quando sai da cidade já estava formado e prompto para seguir.

COMMENDADOR.

Emquanto o inimigo ameaçava invadir o nosso territorio, o ponto da fronteira mais accessivel de invasão achava-se desguarnecido.... agora que a nossa heroica provincia sente sobre o seu solo o peso revoltante de uma cohorte de selvagens, que sentimos nas faces a vergonha inextinguivel de ser calcada a seus pés a nossa dignidade de brasileiro, é que apparece a actividade nas marchas ! Se o fizessem ha mais tempo, tudo se teria evitado.

THOMÉ.

Meu amigo, serei um estúpido, mas entendo que esta invasão dos paraguayos na provincia foi uma cousa meia *phosphorica*... Tenho lido esses livros que descrevem batalhas de *arrepíar os cabellos* de um kagado; — tenho conhecimento da historia antiga e moderna... e queres que te falle com franqueza? As victorias surprehendentes dos grandes guerreiros de todas as épocas não foram alcançadas só com exercitos fabulosos ! A base primaria do exito feliz de uma batalha é — o que muitos ignoram — a tactica militar !

COMMENDADOR.

Sem duvida ! Mas julgaram mais conveniente esperar pelo acaso.

THOMÉ.

E' a tactica mais commoda, apesar de ser a mais prejudicial. Eu continuo com a minha opiniao franca. O governo recebeu essa grande lição no — a b c — da guerra..... Deus queira que sirva para elle lêr *corrido* esta grande verdade — o exercito deve ser organizado e disciplinado antes da guerra, e não durante ella ! O inimigo *rosnou* ao nosso lado o tempo que quiz..... depois de

levarmos a formidável dentada, é que se crearam batalhões e corpos para quebrar os dentes dos taes bichinhos; mas infelizmente a chaga foi profunda e a cicatriz ficou bem visível!

COMMENDADOR.

Talvez descubram ainda algum unguento que a faça desaparecer.

THOMÉ.

Estás arranjado! *Nem á purgantes de quarto em quarto d' hora.*

Scena 3.^a

OS MESMOS E AMELIA.

AMELIA.

(Descendo ao jardim). Bom dia, meu querido pai!

COMMENDADOR.

Como está a minha mimosa flôr de todo o anno? *(Dá-lhe a mão).*

AMELIA.

(Beijando-a). Sempre viçosa na presença de tão radiante astro! Como está, Sr. Thomé?

THOMÉ.

Bom, obrigado, minha senhora.

AMELIA.

Sabe se o Alfredo fica, meu pai?

COMMENDADOR.

Fica.

AMELIA.

Então vamos hoje para a cidade ?

COMMENDADOR.

De certo.

THOMÉ.

E eu vou tratar de mandar conduzir a carreta adiante. Com licença.

COMMENDADOR.

Sabes o que tem de ir ?

THOMÉ.

Sei. (*Sáe*).

Scena 4.ª

COMMENDADOR E AMELIA.

COMMENDADOR.

O que estavas fazendo até estas horas sem me apparecer ?

AMELIA.

Trabalhando.

COMMENDADOR.

Sempre a insipidez do trabalho !

AMELIA.

Insipidez, meu pai ? !

COMMENDADOR.

Não sei quando ha-de acabar essa tua mania de fazer os teus vestidos e de transformal-os todos os dias com novos enfeites.

AMELIA.

Mas é tão bom trabalhar, meu pai !

COMMENDADOR.

Não me agrada isso. Pois tu tens necessidade de trabalhar para viver ?

AMELIA.

Não, senhor !

COMMENDADOR.

E para que o fazes ?

AMELIA.

Para distrahir-me, meu pai. Enquanto trabalho, distraho-me... e... talvez previna o futuro...

COMMENDADOR.

O futuro ! Como ?

AMELIA.

Agora não posso dar-lhe a explicação.... falta-me o tempo.

COMMENDADOR.

Porque ?

AMELIA.

Porque ainda não colhi as flôres que o Alfredo pediu-me hontem á noite.

COMMENDADOR.

(*Subindo para a sala*). Ah ! é só isso ? Espera. (*Assobia*).

AMELIA.

(*Acompanhando-o*). Que vae fazer, meu pai ?

COMMENDADOR.

Vaes vêr, minha esportinha. Estou ancioso pela decifração do teu enigma; por tanto quero remediar esse obstaculo. (*Maria Conga apparece com a cuia de matte*). Oh ! estiveste dormindo ?

MARIA CONGA.

Eu, siô !... teve frevendo áua !

COMMENDADOR.

Já me não lembrava do tal matte. Vse ao jardim e colhe uma porção das melhores flôres que encontrares. (*Maria sai para o interior da casa*).

AMELIA.

Ora, meu querido pae, não me prive do prazer de co-
lhel-as.

COMMENDADOR.

Sem me dares a explicação d'esse—prevenir futuro—
não concinto.

AMELIA.

E' tão simples...

COMMENDADOR.

Alguma tolice l...

AMELIA.

Que injustiça ! Emfim, será o que meu pai quizer.
Vmc. disse que eu não devo trabalhar, porque não te-
nho necessidade de o fazer...

COMMENDADOR.

Pelo menos parece-me.

AMELIA.

Vmc. permite que eu lhe falle com franqueza, meu
pai ?

COMMENDADOR.

Porque não ?

AMELIA.

Então ouça, e não se zangue, ouviu ? Esta nossa rique-

za será tão privilegiada que não haja acaso, desgraça ou fatalidade que a possa destruir ?

COMMENDADOR.

Isso não : Deus pôde destruil-a, assim como me deixou accumulal-a !

AMELIA.

Bem. E se lhe acontecesse essa desgraça, de passar rapidamente da opulencia em que vive para uma miseria extrema ; o que faria, meu pai ?

COMMENDADOR.

Não sei.. .. Creio que procuraria a morte onde podesse enconral-a com mais promptidão.

AMELIA.

Que diz, meu pai ? Pois tinha coragem de abandonar-me, deixando-me entregue á miseria, em cujos braços expiram as convicções mais firmes, quando com o trabalho não conseguimos evitar a fome ? !

COMMENDADOR.

Perdôa, minha querida filha; se desejei a morte com essa idéa de ficarmos pobres, foi por lembrar-me que seria impossivel ter a coragem precisa para vêr-te privada das commodidades que tens.

AMELIA.

Banalidades, meu pai ! E se n'essa occasião sua filha lhe dissesse : estamos pobres, porém, como estou habituada ao trabalho, desejo continuar a fazel-o agora para sustentar meu pai ! Ainda assim morreria ?

COMMENDADOR.

(*Abraçando-a com transporte*). Oh ! isso nunca ! tu trabalhares para me sustentar !

AMELIA.

Do que se admira ? Todos os sacrificios que imaginarmos fazer por nossos pais são poucos, e nunca chegam a preencher a extensão da palavra — dever !

COMMENDADOR.

E's um anjo ! Fiz mal em dizer que morreria!... Não, minha querida filha... é preciso viver para estar sempre a teu lado... para empregar todos os meus esforços em uma vida laboriosa, que garanta o teu socego e a tua felicidade.

AMELIA.

Porém, eu que tenho o trabalho por habito, esse bordão de fadigas, é certo, mas de utilidade e honra, respondendo-lhe : não, meu pai; qualquer sacrificio na sua idade seria superior ás suas forças ; para vivermos modestamente, não preciso do seu auxilio, porque possuo os maiores thesouros que Deus concede aos seus escolhidos — a intelligencia e o amor ao trabalho !

COMMENDADOR.

Ah ! minha querida filha ! eu não mereço esta felicidade de ser teu pai !

AMELIA.

Eis explicado o enigma. Continúo a trabalhar ou não ?...

COMMENDADOR.

Continúa, filha ! Esse procedimento é digno de ser imitado, e não da censura que eu queria fazer. Oh ! o Alfredo deve considerar-se o homem mais feliz do mundo em possuir-te !

AMELIA.

Seria uma justa retribuição, porque eu considero-me muito feliz em ser sua esposa.

COMMENDADOR.

Mas ha tres annos não pensavas assim...

AMELIA.

Mas ha dous sabe que esta era a minha opinião.

COMMENDADOR.

E' verdade; porém, podias tel-a modificado, como modificaste a primeira.

AMELIA.

E por que a modifiquei ? Ha tres annos, quando Vmc. remetteu para a Bahia a proposta de casamento, se mostrei pouca vontade em effectual-o, foi devido ao nenhum conhecimento que eu tinha de meu noivo ; mas d'ahi ha pouco tempo elle veio passar aqui as férias, conheci-o então, e comprehendí que seria muito feliz se fosse sua mulher : modifiquei-a por este motivo.

COMMENDADOR.

Estimo isso devéras, minha filha : não desejava sacri-

ficar a tua felicidade futura, debaixo do jugo de um casamento que não approvasses.

AMELIA.

Obrigada, meu pai ! Se algum dia me apparecer o arrependimento, o mesmo que me impelle a acetal-o para a esposa que soffra as consequencias.

COMMENDADOR.

Qual ?

AMELIA.

O coração !

COMMENDADOR.

N'esse caso nada deves recear : o teu coração só póde guiar-te a uma verdadeira felicidade porque és um anjo !

AMELIA.

Não admira : sou sua filha !

COMMENDADOR.

(Acariciando-lhe as faces com a mão). Lisonjeira !

AMELIA.

(Lembrando-se). Ih ! Jesus ! A Maria Conga não apparece e o Alfredo pouco deve demorar-se. Vou ver o que ella está fazendo, senão ficamos sem flores hoje, meu pai.

COMMENDADOR.

Não duvido. *(Ouve-se o canto de um homem do campo. Maria Conga apparece com um cesto na mão)*.

AMELIA.

Ah! eil-a.

COMMENDADOR.

Muito custa a mover-se esta negra quando tem de fazer qualquer serviço.

MARIA.

Uê! (*Fallando muito apressada*). Táva rêmechendo tudo rá dentro pro móri esse baráto. (*Desce ao jardim resmungando*) Remônho d'esse riábo rê vida...

AMELIA.

(*Approximando-se*). Não se zangue mais comigo por eu trabalhar .. creia que é o meu nectar da vida! (*Desce ao jardim e desaparece pela D. com Maria Conga*).

Scena 5.^a

COMMENDADOR E DEPOIS CHERUBINO.

COMMENDADOR.

Na época presente em que o luxo domina, e em que a maior parte das moças passam a vida a cantar, dançar e a sonhar com as módas, a minha Amelia diz que o trabalho é o seu nectar da vida! Para alguns pais, seria uma felicidade ouvir isto; mas para mim, é uma contrariedade! Tenho muito dinheiro... desejava por tanto que as suas idéas fossem outras. Estimaria mais que a todo o instante me fallasse nas avultadas contas das modistas, que eu tivesse de pagar, do que n'esse insípido trabalho, que foi criado para aquelles que nasceram na miseria. (*Ouve-se o canto mais perto*). Esta voz não me é desconhecida. (*Vae á janella*). Entre por ahí mesmo, compadre. (*Desce ao jardim*).

CHERUBINO.

(Entra a cavallo pelo portão; traz chapéo com barbicacho, poncho, botas por fóra da calça, esporas etc. etc.) Ora viva o meu compadre e commendador ! *(Apea-se)*

COMMENDADOR.

Bom dia, compadre. Estimo que tenha passado bem.

CHERUBINO.

Ansim, ansim, meu compadre e commendador ! A gente tem passado *mais melhor*, mas a secca é que este anno parece que quer torrar tudo... até os *animaes*. O cavallo do meu pai, aquelle *pingo* grande e gordo de que tanto gostou a ultima vez que cá stive e vim montado n'elle...

COMMENDADOR.

Não me recordo... Ha tanto tempo...

CHERUBINO.

Ora não se *alembra* ! Aquelle que o meu compadre e commendador quiz montar quando o defunto do meu pai morreu, e que elle pegou a endurecer o lombo, que lhe fez amollecere o *garrão* !

COMMENDADOR.

(Rindo-se). Ah ! já sei !

CHERUBINO.

Antão-se ? Pois tem emmagrecido *pra mórde* a secca, que nem uma minhóca o ganha. Aquillo é que era um animal de luxo e gosto, hein ? Uma moça bonita não lhe ficava a dever nada !

COMMENDADOR.

E' exacto; era um bõnito cavallo. Tive vontade de comprar-o para o meu tilbury.

CHERUBINO.

Tirbu ! Que diacho de coisa é essa ?

COMMENDADOR.

Quer saber ? Eu lhe digo... venha cá. (*vão a uma janella*) Vê aquelle carrinho...

CHERUBINO.

Ah ! é aquella coisa ! (*descem*). Lá pra isso é que elle não é gente. Ainda me *alembra* do dia em que estava doente o meu puxador do carrinho da graxa ; e vai *antão-se*, eu cahi na esparrela de botal-o a puxer. Ah ! meu compadre e commendador ! *Puxa lo animal !* Principiou a *curcuiar* e aos *coices*, que deu com o carro, graxa e tudo que tinha atraz em casa do *diacho* ! Fiquei tão esquentado que tive a *gira* de o mandar *pra* o outro mundo... o que me fez *estaquear*, foi *alembrar-me* que era o cavallo de meu pai ! Se vossê quizesse elle cá uns tempos pra *mórde* fincal-o no tal *tirbu*. . (*Tira a faca da cintura e o fumo d'algibeira, e vae picando para fazer um cigarro*).

COMMENDADOR.

Já não o queiro nem de graça...

CHERUBINO.

Coitado ! *ansim* mesmo tenho pena d'elle !...

COMMENDADOR.

Mas compadre, vossê disse que tem havido muita secca lá por onde mora ?

CHERUBINO.

De arreganhar tudo *no mais*, meu compadre e commendador !

COMMENDADOR.

Porém, não ha muitos dias, que um visinho seu me asseverou que tem chovido alguma cousa !...

CHERUBINO.

E de que serve esses *burrifos*? Ha campos inteiros que, se achar uma folha verde, me amarre um laço e me dê um tirão, que me plante c'ò as ventas no chão! O milho nem chegou a granar! Emfim, tem sido uma *desgracia* pr'aquelles pobres... e pra mim *tão-bem* !

COMMENDADOR.

Pois aqui na chacara, mesmò com toda a secca, espero uma colheita regular.

CHERUBINO.

A agua corre *pra o rio*, meu compadre e commendador ! Se vossê fosse pobre, como nós, que trabalhamos dia e noite *pra mórde viver*, a sua *colhêta* *havêra* de ser igual á nossa ; mas vossê não *percisu*, por isso até o sol as suas *prantas* não queima.

COMMENDADOR.

(*Rindo-se*). E' porque não será o mesmo...

CHERUBINO.

Eu sei lá? O que sei é que ao pobre tudo lhe solha, e ao rico tudo lhe calha. E' os filhos, é as doenças, é o sol, é a chuva; tudo, tudo se agarra no pobre como carrapato no boi! Tem lá na minha vizinhança um coitado, que tudo lhe sae *caiporado a um anno a esta parte*. *Adoeceu* um filho, que era mesmo o seu braço *dereito* no trabalho; e como tudo que anda em dois pés por obra e graça do *discuido*, quer curar pela tal *apathia*, foi *antão-se* um vizinho disse que queria tratar do rapaz. Tanta *apathia* lhe atracou pra dentro, que deu com elle de patas no ar em tres dias! Ora pra que esses animaes se *melle* a doutor, quando não sabem tratar das *prantas*, quanto mais da gente?

COMMENDADOR.

Não: hoje pela facilidade com que certos autores descrevem os curativos homœopathicos, pode-se, estudando um pouco, curar algumas molestias.

CHERUBINO.

Eu bem sei que *tão-bem* sou um cavallo; mas não deixo de conhecer as coisas. *Antão-se*, porque no livro está dizendo: tantas bolas n'um copo d'agua *pra mórde* beber de duas em duas horas uma *culher* grande, arriuma-se pra dentro sem saber o que é que nos finca na cama? Eu *tão-bem* *escrivinho* o meu nome, e sei ler n'esses livros...Elles que façam como eu, que não fazem nenhuma asneira: *cavoquem* a terra e vão *prantar*; deixem de estar matando o *prochimo*.... ha gente de mais para isso c'o nome de doutor!

COMMENDADOR.

Tem razão: sem se conhecer a doença não se deve applicar o remedio.

CHERUBINO.

Antão-se! Ah! é que'stá o *busílio!* E fique sabendo, que no campo tem *mais milhor butica* do que na cidade... o que não tem é quem arrume os remedios *dereitos*.

COMMENDADOR.

E quando se acham incommodados, porque não mandam chamar um medico á cidade?

CHERUBINO.

(*Abanando com a cabeça*). Ou matam ou esfolam, meu compadre e commendador! Elles tem mais manha do que um burro caçado. Se é pra-o pobre atacam um remedio que, ou cura de repente ou mata; se é pra-o rico, ahí o verás!— remedios e mais remedios...de sorte, que uma doença que podiam curar em dois dias levam mezes, e *pra mórde os taes palativos* chegam a pôr o negocio que não tem mais cura.

COMMENDADOR.

Com effeito! Se todos tivessem a sua opinião, os medicos morreriam de fome! Não lhes faça essa injustiça. Em todas as classes ha homens honrados e cavalheiros, nos quaes podemos confiar; e desgraçados seriamos nós, se assim não acontecesse!

CHERUBINO.

Eu não digo que todos montam pelo mesmo lado. Isto é o que eu vejo alguns *fazer*; e como não sou d'aquelles que tem a porteira trancada, vou fallando e dizendo o que sinto.

COMMENDADOR.

Não é dos melhores costumes, (*com intenção*) principalmente quando se é senhor de um segredo...

CHERUBINO.

Lá isso é outro *causo* ! Ahi é que o *home* se *âmóstra*. E *a modo qu'eu sou boenácho*, hein ?...

COMMENDADOR.

Parece-me. Com tudo devo prevenil-o, que de hoje em diante se torna mais necessario guardal-o. Sabe por que ?

CHERUBINO.

Saberei agora *no mais* !

COMMENDADOR.

Por que o Alfredo, meu enteado, chegou da Bahia e vai tomar em minha casa o lugar de filho.

CHERUBINO.

Oh ! c'os *diachos* ! temos *disparada* na tropa, meu *compadre* e *commendador* !

COMMENDADOR.

Como ? !

CHERUBINO.

Home ! (*tira fogo no isqueiro e acende o cigarro*). O *mais melhor* é não fallarmos n'estas *coisas* que nos *aperreiam*.

COMMENDADOR.

Seja homem de segredo que nada receio.

CHERUBINO.

Mais *cd delle* o rapaz? Ha-de estar muito gordo e grande, hein ?

COMMENDADOR,

Sahio, mas não póde tardar.

CHERUBINO.

Antão-se chegou hoje e já anda *disimbestado* ?

COMMENDADOR.

Não ; chegou hontem de tarde : veio como tenente-cirurgião de um batalhão de voluntarios.

CHERUBINO.

Toma que te dou eu ! Já tenente ! O que faz ter cabeça pra-o estudo !

COMMENDADOR.

Quero vêr se vossê o conhece... (*Ouve-se o ruido de um carro na estrada*).

CHERUBINO.

Se esbarrar com elle na estrada, dou uma orelha ao diacho se não gritar logo : *pialei-o no mais !* (*Mostra desejos de sair*).

COMMENDADOR.

Então já vae ?

CHERUBINO.

Isso que vou eu. *Déxei* o carro lá atraz, e *agaichei-me*

a diente pra mórde vir dar dois dedos de séca; e como já lhe estou ouvindo a cantiga aqui ao pé da porta...

COMMENDADOR.

Ah ! vae com negocio para a cidade ?

CHERUBINO.

Tão *dereito* como um tento.

COMMENDADOR.

Pois appareça lá em casa logo..... eu tambem vou de tarde.

CHERUBINO.

Hoje não é muito certo, *amenhã* sim.

COMMENDADOR.

Quando quizer. (*Vê-se passar o carro ao F.*)

CHERUBINO.

Quero vêr o *rapasóte*. *Antão-se* adeus. *Orelha im pé c'o* a historia — *vossê m'intende* !...

COMMENDADOR.

Fique descansado ; só nós podemos fallar a esse respeito.

CHERUBINO.

A minha porteira está de varas corridas... Vou *m'imbora*. Adeus, meu compadre e commendador. Se houver alguma *truuada* por cá e quizer *disparar* por ahi fóra,

no que lhe posso *arremediar* é com a cavalhada toda da minha *familha*, que está ao seu dispôr *no mais*.

COMMENDADOR.

Obrigado, compadre ; nada receio.

CHERUBINO.

Não pouso ! Até outra vista. (*A' parte*). Vae-te pondo bem com Deus ! (*Monta o cavallo e sae*).

Scena 6.

COMMENDADOR.

E' d'esta gente que se compõe o mundo ! Tudo querem saber, de tudo criticam ; dizem ter consciencia de suas acções, quando não a tem de sua nullidade ! E se os não aturamos e applaudimos, somos irremissivelmente victimas de suas bilis. Paciencia nos dê Deus, que não falta quem a esgote com estas e outras parvoices ! (*Sae*).

Scena 7.^a

MARIA CONGA.

(*Com o cesto cheio de flores desfolhadas*). Esse remônho d'esse minina tudo dia tem qui mandá ! Maria Conga pr'aqui, Maria Congo pra-rí, Maria Congo pra curá ! Maria Congo, hein ? O que váre é que Maria Congo, ôio vê (*arregalando-o com o dedo*) boca — um ! (*leva os dedos unidos á boca*) não fára ! Tudo dia sereviço, tudo dia sereviço... esse gente não vê que Maria Congo tá véio, que não pôde trabaiaá ? ! E' rúma qui rúma, rúma qui rúma pr'um rádo.... chupa qui chupa, chupa qui chupa pr'outro... e nem daré para cumprá fumo ! Ah ! mã Maria Congo, ôio vê, boca — um ! não fára. Canáia do remônho !

Va-im nõssu téra buscà gente pra criá súa zi-fio, pra se-reví, e quando qué si vingá di sua muíé, ou di sua negó-ço ruim, bacaiáu qui ronca tudo dia in riba de nêgó ! Mã Maria Conga, óio vê, boca —um ! não fára. Dêxa tá, dê-xa tá maravádo, q'um dia é qui zi-pôrôco tóróci rábo...

Scena 8.ª

A MESMA E ALFREDO.

ALFREDO.

Adeus, Maria Conga ? !

MARIA CONGA.

Lôvado sôsô-christo, siô moço !

ALFREDO.

Como estás ?

MARIA CONGA.

Ora ! esforádo de sereviço ! Tudo dia rumando, rim-pando cavaíce, dando áua pra caváro...

ALFREDO.

(*Rindo-se*). O' Maria Conga, pois tu, ha tantos annos no Brasil, ainda não aprendeste a fallar ?

MARIA CONGA.

Pra qué ! Si farásse mái mió ficava fôra ?

ALFREDO.

Para isso não é preciso.... creio que meu padraсто já te considera fôrra.

MARIA CONGA.

Ah! forá nem forá! E demái quem comeu cáne qui róa ôsso. Tá véio, cracanháro, não váre nada; agora é qui vai forá! Pra fazê quê?

ALFREDO.

Para descançares.

MARIA CONGA.

Quá decanço, siô moço?! Decanço di nêgo é no bu-ráco! Tudo dia trabáia, trabáia, e bacáiau pro riba, é decanço qu'imbranco dá. Sucê pensa! Hôie, siô véio não mi ruma mai bacáiau pro que...mâ Maria Conga, óio vê, boca — um! não fára.

ALFREDO.

Sempre foste assim... não fára, mas fallando de mais. Ora vamos lá a saber o que tens a dizer, se não é segredo...

MARIA CONGA.

Um, um, um! siô moço! Eu vae rumá esse zi-forô no bandêsa, senão siásinha fica zangáro. (*a meia voz*) Curúzo! mê-ân-dêzo! fará o que? (*sahindo*) Eu sabi rá esse zi-coisa como é! Curúzo! (*Sae benzendo-se*).

Scena 9.^a

ALFREDO.

Que originalidade! E' um involucro de mysterios que nada valem. Sempre a mesma! *óio vê, boca, um! não fára....* mas fallando de todos e de tudo! Mesmo assim era o mimo de minha mã! Ninguem lhe tocasse na

sua Maria Conga ! Carregou-me ao collo, dizia ella, quero que seja respeitada como se fosse tua avó !... Minha querida mãe ! Deus privou-me tão cedo dos teus affectos e carinhos maternas... d'esses dous unicos balsamos das chagas do coração !...

Scena 10.^a

O MESMO E AMELIA.

AMELIA.

A tal Maria Conga é.... nem eu sei o que, senhor ! Mandei-a vêr se o Alfredo já tinha chegado... Ah ! elle ! (*Approximando-se*) Em que está pensando ?

ALFREDO.

Ah ! — Bom dia, Amelia !

AMELIA.

Vim talvez incommodar-te...

ALFREDO.

Incomodar-me ! Dizes isso por surpreenderes-me pensativo ? Mereço desculpa, creio. Lembrei-me de minha mãe, e entreguei por alguns instantes o meu pensamento áquelle anjo !

AMELIA.

Perdôa-me, Alfredo !

ALFREDO.

Por que ?

AMELIA.

Por ter vindo interromper-te ! E' uma crueldade distrahir os pensamentos de um filho, quando estão fitos n'um ponto tão sagrado !

ALFREDO.

E dizes que me incommodas, Amelia ! Eu pensava em um anjo, é verdade, mais do que isso — em minha mãe ! — o teu procedimento, porém, e as tuas palavras provam, que Deus concedeu-me ainda na terra outra igual.

AMELIA.

Mas tão egoista, que veio usurpar a essa outra os pensamentos que lhe eram dedicados !

ALFREDO.

E eu direi : tão milagrosa, que veio trazer com a sua presença um linitivo ás dores, que com essas recordações se infiltravam em minh'alma.

AMELIA.

Ainda bem : temi o contrario e affligi-me, acredita. Agora que chegamos a um accordo, vou expor-te os motivos que me faziam procurar-te.

ALFREDO.

Procuravas-me ?

AMELIA.

E' verdade ; por dous motivos: em primeiro lugar, para transmittir-te uma agradável noticia.

ALFREDO.

Qual ?

AMELIA.

Que ficas.

ALFREDO.

Agradeço-te como se ainda o ignorasse...

AMELIA.

Ah ! já sabias ?

ALFREDO.

Pois se fui eu que fallei ao commandante...

AMELIA.

Como hontem ouvi o Sr. Thomé dizer, que ficava encarregado de fallar-lhe...

ALFREDO.

Era bastant3 veres-me aqui. Se eu fosse, estaria já em marcha, como estão os meus companheiros.

AMELIA.

Já sahiram da cidade ?

ALFREDO.

Já. O que te pedi, apromptaste?

AMELIA.

Sim, senhor : cord3, flores e poesia !

ALFREDO:

Obrigado !

AMELIA:

Pensavas que me esqueceria ?...

ALFREDO.

Não podia pensal-o. Os anjos não promettem senão aquillo que podem cumprir !

AMELIA.

E quando se ama como eu, Alfredo, a recordação continua d'essa imagem que adoramos, não permite esquecer por um instante os seus pedidos, que são ordens!

ALFREDO.

Oh ! Amelia ! este momento é o mais feliz da minha vida ! Ouço-te emfim pronunciares outra vez essas palavras que, ha dous annos, repetiamos um ao outro todos os dias ; mas que nunca me produziram este effeito maravilhoso ! Acredita-me, Amelia ; eu tambem amo-te muito, — como não pó les imaginar ! — com um amor intenso, verdadeiro, incomprehensivel !

AMELIA:

Havemos de ser muito felizes, Alfredo ; creio no que me dizes, e tenho convicção que hei-de retribuir-te esse amor com excesso... apezar do teu procedimento...

ALFREDO.

Qual procedimento ?

AMELIA.

Lembras-te do que me prometteste quando findaram as férias, e que regressámos, tu á Bahia e eu ao collegio ?

ALFREDO.

Sem duvida !

AMELIA.

E o que foi ?

ALFREDO.

Que apenas concluisse os meus estudos, viria prestes realizar o nosso casamento, unica felicidade que aspirava no mundo.

AMELIA.

E achas que cumpriste essa promessa ?

ALFREDO.

Pois não estou aqui ?...

AMELIA

Estás; mas o teu procedimento deveria ser outro : vires effectuar primeiro o nosso casamento, e depois offereres os teus serviços á nação, que eu não me opporia de certo.

ALFREDO

Tens razão; — mas por ella — pela nosza patria debes desculpar-me. A noticia da invasão dos paraguayos na provincia revoltou-me, e jurei não descansar, nem regressar da campanha senão depois que elles forem ex-

pulsos do nosso territorio. Sou brasileiro ; e por consequencia, como medico, devo velar sobre a existencia dos meus compatriotas, tão preciosa hoje ao Estado...

AMELIA.

Tenho de soffrer mais essa ausencia.

ALFREDO.

Que não ha-de ser longa. Breve voltarei a fruir essa felicidade, que tanto almejo, de nos unirmos eternamente.

AMELIA.

E que tanto temos esperado !

Scena 11

OS MESMOS E THOMÉ.

THOMÉ.

Ora está tudo despachado.

ALFREDO.

Oh ! senhor Thomé !

THOMÉ'

Appreciando este thesouro, hein ? (*indica Amelia*). O papae chama-a.

AMELIA.

Com licença. (*Sae*).

Scena 12.

Os MESMOS MENOS AMELIA.

ALFREDO.

Então.... como vamos a respeito de papeis ?

THOME'

Maravilhosamente ! Póde casar-se amanhã mesmo se quizer.

ALFREDO.

Ah ! Pois creia que não esperava isso ! Como a licença que pude obter, não me permite estar aqui senão quinze dias, pensei que seria impossível apromptar-se tudo em tão pouco tempo.

THOME'

Milagres do dinheiro, meu amigo ! Quer que lhe diga uma cousa.... eu invejo-lhe a sorte, porque uma esposa como esta, poucos filam.

ALFREDO.

Eu faço mais justiça ás nossas comprovincianas.

THOME'

Como ?

ALFREDO.

Quero dizer, que encontram-se na nossa sociedade muitas moças como Amelia...

THOME'.

Com igual *peculio* ?

ALFREDO.

Não ! quem lhe falla em peculio ? !

THOMÉ'

Pois ahí é que está a verdadeira felicidade. Eu, se tivesse encontrado uma mulher com igual riqueza, e que me quizesse para marido, fechava os olhos e dava-lhe até as duas mãos. Infelizmente algumas que me queriam, eram pobres como ratos de igreja, e eu não nasci para sustentar as filhas dos outros.

ALFREDO.

E' natural que ellas tambem não nascessem para o sustentar. Os que pensam como o senhor, não calculam as terriveis consequencias d'esses casamentos ! Não reflectem que podem ouvir da boca de uma esposa imprudente e mal educada, verdades que os façam córar de vergonha !

THOMÉ'

Qual ! Quem dá importancia ao que diz uma mulher ? E demais, meu amigo, ellas não são culpadas quando chegam a esses extremos. — *A mulher é uma machina que se move conforme o azeite que se lhe dá.*

ALFREDO.

Tem uma indole invejavel, Sr. Thomé !

THOMÉ'.

De accordo com as conveniencias da época. O seculo é o das luzes; mas são luzes de candeias, e essas só deixam ver o interesse !

ALFREDO.

Nem tanto ! Ha muitos Thomés ; porém, tambem ha felizmente, quem pense o contrario e professe outras idéas.

THOME'.

Aos quaes chamarei... tolos !

ALFREDO.

E eu... christãos !

THOME'.

Ah ! o senhor é carola ? !

ALFREDO.

Não senhor ; sou apenas o herdeiro das crenças de um homem honrado — de meu pai !

THOME'.

E não crê no poder do ouro ?

ALFREDO.

Creio no poder Je Deus !

THOME'.

Pois eu creio no poder do dinheiro ; e parece-me que não vou mal, porque só com elle se consegue tudo. O homem sem dinheiro é o zorrilho da humanidade, que exhala ao longe os desagradaveis e repugnantes miásmas da miseria... todos fogem d'elle, temendo os esguichos da ladroeira e do calotismo.

ALFREDO.

Creia, Sr. Thomé, que a pobresa soffre o que acaba de dizer, devido...

THOMÉ.

A' sua nullidade !

ALFREDO.

A' sua fraqueza ! Se o pobre não fugisse do pobre, que o acolhe com os braços abertos, que lhe offerece seu parco sustento, que lhe cede sua misera cama, para ir procurar a amizade do rico, que o recebe como um escravo, e o despede como um cão..... a sua classe seria mais respeitada, e a fraternidade os levaria a um adjutorio mutuo, que os livrasse da vergonha a que os vemos expostos; mas desgraçadamente isso não acontece ! Appareção duas emprezas iguaes, uma do pobre honrado e laborioso, e outra do rico fraudulento e ladrão, que o pobre fugirá do pobre para ir com avidez depositar o seu pequeno capital no cofre do millionario ! Elles são os proprios a desprestigiarem-se... elles mesmos elevam os ricos á altura em que os possam pizar á vontade ! Eis o que perde-os..... eis o que leva-os á baixesa em que se acham !

THOMÉ.

Está arranjado com as suas idéas ! Elles fogem uns dos outros, por que sabem que dois pobres n'uma porta, um fica sem esmola. Meu amigo, a reforma do mundo ha-de ser feita, quando houver outro diluvio... e mesmo assim, é preciso que o dinheiro não torne a apparecer.

ALFREDO.

Estimaria saber onde o Sr. bebeu tão repulsivas convicções.

THOMÉ.

Na logica da actualidade. O Sr. está ainda muito criança, e não sabe o que são necessidades ! Por mais cren-te e consciencioso que seja o homem, vendo-se por mul-tos dias sem um vintem para matar a fome, jura que o senhor do Universo é o dinheiro, e caminha desvairado em sua procura, mudando de idéas e esquecendo todas as conveniencias sociaes. Olhe que a falta de dinheiro dóa mais do que pancadas !

ALFREDO.

Se apparecessem muitos homens que prezassem a sua dignidade, como o senhor preza o dinheiro, eu lhe ga-ranto que essa reforma não seria tão impossivel. (*Maria Conga entra e entrega a Alfredo um bilhete. Lendo*) Reser-vado. (*a Thomé*) Com licença. (*Dirigindo-se para o lado opposto, lendo á parte*) « Uma pessca que não deseja ap-parecer-lhe diante de sua familia, pede para fazel-o em particular com urgencia. » (*declamando*) Quem será ? (*a Maria Conga*) Que entre para o jardim. Tenha paciencia Sr. Thomé... procura-me uma pessoa que deseja fallar-me em particular.

THOMÉ.

Pois não ! Eu vou lá para dentro conversar com o nos-so commendador e sua filha... (*sae*).

Scena 13.

O MESMO, CARLOS E DEPOIS THOMÉ.

ALFREDO.

Quem será este mysterioso? Veremos. (*Desce ao jardim*).

CARLOS.

(*Entrando pelo portão*). Ora finalmente!

ALFREDO.

Oh! (*com expansão*) Meu...

CARLOS.

Silencio! (*abraça-o*). Trata-me pelo meu nome... aqui ninguém sabe do laço que nos prende.

ALFREDO.

Por isso hontem, quando perguntei por Vmc. responderam-me, que não constava que estivesse na provincia! Depois que sahii da Bahia, nunca tive a mais leve noticia sua.

CARLOS.

Não escrevi, porque seria preciso contar-te a verdade; e eu não queria fazel-o emquanto não concluisses os teus estudos.

THOMÉ.

(*Apparecendo na porta da sala*). Dizia meu pai, que muitas vezes um homem industrioso fazia a sua felicidade.

de , ouvindo uma palavrinha solta em certas conversas particulares. (*Vae espreitar*).

ALFREDO.

Mas o que significa este mysterio ?

CARLOS.

Alfredo, tu amas muito a filha do commendador ?

ALFREDO.

Muito !

CARLOS.

Mas tambem prezas em extremo a tua dignidade de homem ?...

ALFREDO.

Sem duvida !

CARLOS.

E se eu te dissesse : Alfredo, pela tua honra, pela tua dignidade de filho, pelo respeito que deves consagrar á memoria de tua mãe, foge d'esta casa; o que farias ?

ALFREDO.

Meus Deus ! Que diz meu...

CARLOS.

Scio ! nada de exaltações... responde-me com calma.

ALFREDO.

Essa pergunta enlouquece-me,... creio que algum

motivo o faz avançar tal proposição !... Que será, meu Deus ? !

CARLOS.

Pergunto-te, e desejo saber o que prezas mais : a tua dignidade, ou essa mulher ?

ALFREDO.

Não sei... não posso responder-lhe ... eu amo-a muito... porém, o que tem ella com essa historia ?...

CARLOS.

Lembras-te do que nos mandou dizer o Sr. commendador a respeito de tua mãe ?

ALFREDO.

Que fallecêra por submersão, devido a um terrível temporal que os surpreendeu no meio do rio, n'uma tarde em que foram visitar uma familia que habitava do outro lado.

CARLOS.

Tudo isso é falso !

ALFREDO.

Como !

CARLOS.

Tua mãe, Alfredo, foi assassinada !

ALFREDO.

Ah !

THOMÉ.

(*A' parte*) Oh ! com seiscientos diabos ! Por esta não esperava eu ! (*Ouve-se ao longe o toque de tambores ou cornetas de um batalhão em marcha*).

CARLOS.

Recebi hontem a minha nomeação de capitão para um corpo de voluntarios ; amanhã sigo para o exercito ao meio dia... dispõe-te a acompanhar-me.

ALFREDO.

Será possível ! Mas... como soube esta historia... este crime ?...

CARLOS.

Guiado por Deus que se compadeceu da victima, e quiz poupar ao filho um remorso eterno !

ALFREDO.

Quer dizer que o assassino de minha mãe...

CARLOS.

Foi o Sr. commendador Costa.

THOMÉ.

(*A' parte*) Bravo ! d'esta vez arranjo-me !

ALFREDO.

Mas...

AMELIA.

(*Dentro*). Venha, meu pai.

CARLOS.

Adeus. Logo ou amanhã scientificar-te-hei de tudo... até lá nem uma palavra sobre o que acaba de passar-se. (Sae).

ALFREDO.

Meu Deus, dae-me coragem !
(Thomé finge que entra.)

Scena 11.

ALFREDO, THOMÉ, AMELIA E O COMMENDADOR.

AMELIA.

Alfredo... onde está elle ?

ALFREDO.

(Passando á sala) Aqui estou.

AMELIA.

Ahi vem o teu batalhão !

ALFREDO.

(A' parte) E' preciso coragem... por ella !

COMMENDADOR.

Pensei que não querias vir hoje para casa !

ALFREDO.

Ha muito tempo que estou aqui. (Maria Conga entra trazendo uma bandeja com flores, e sobre ellas uma corôa com fitas verdes e amarellas bordadas a ouro).

MARIA CONGA.

Táhi, siásinha !

THOMÉ.

Viva ! para que é tudo isso ?

AMELIA.

Para oferecermos a esses defensores da nossa patria, que longe de suas familias vão affrontar todos os perigos !

COMMENDADOR.

A idéa é sublime !

THOMÉ.

Com estas e outras iscas é que muitos caem com facilidade na ratoeira !

ALFREDO.

Vê-se que o Sr. ignora completamente, quaes são os sentimentos que caracterizam um brasileiro.

COMMENDADOR.

Vamos : eu encarrego-me das flores...

ALFREDO.

(A' parte). Como soffro ; mas é precisó rir ! (Param os tambores e rompe a musica mais perto. Quando passa ao fundo, Alfredo da janella faz um signal para cessar a musica).

UMA VOZ.

Cerrar columna sobre o primeiro pelotão. (A bandeira apparece na janella do F. Amelia colloca a corôa na haste junto á lança, e depois recita o seguinte :

Do Brasil o gigante dormia...
Vasta fronte nos céos do Equador...
Membros vastos de herculeo vigor,
Té a frígida zona estendia !

Eis que o vil estrangeiro lhe lança,
Como affronta cruel, ferreo guante...
Despertou-se da patria o gigante,
Aos seus filhos bradando : vingança !

A este subito grito, á esta voz
Respondeste, cohorte guerreira :
Dae-nos, dae-nos da patria a bandeira,
Mais as armas de nossos avós !

Eia, ávante ! phalange de bravos,
Voluntarios gentis, eia, ávante !
Cada passo que daes para diante
Vão de Lopes fugindo os escravos.

Mas após a sangrenta victória
Não tenhaes do chacal o rigor !
Se o valor é dos bravos a gloria,
O ser bravo e ser nobre é maior !

COMMENDADOR.

Viva Sua Magestade o Imperador.

THOMÉ.

Vivão os exercitos alliados !

AMELIA.

Vivão os voluntarios da patria !

ALFREDO.

Viva a provincia do Rio Grande do Sul ! (*Repetem dentro os vivas; no fim a musica tocã o hymno nacional*).

A MESMA VOZ.

(*Depois do hymno*). Columna avança, guardando distancias intelras : ordinario... marche !

O batalhão segue ao som de uma marcha ; das janellas deitam flores desfolhadas enquanto desce lentamente o panno.

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Sala com luxo em extremo.

Scena 1.ª

MARIA CONGA E ALFREDO.

MARIA CONGA.

(Com a cuia na mão). E' !.... Maria Congo, revantáro munto cêro p'ra trabaíá... é nêgo! Esse remônho de vida hare cabá um dia !

(Alfredo entra muitissimo preocupado; seus gestos e physionomia, indicam que soffre horrivelmente).

MARIA CONGA.

Lôvado sôsô-christo, siô moço.

ALFREDO.

Ah ! és tu ? Espera Mária Conga... preciso fazer-te algumas perguntas.

MARIA CONGA.

Tâhi, siô moço.

ALFREDO.

Tu tens muita amisade ao senhor commendador, Maria Conga ?

MARIA CONGA.

Eu, tê misade esse home !

ALFREDO.

Ah ! não gostas d'elle ? !

MARIA CONGA.

Home... Maria Congo, ôio vê, boca — um ! não fára.

ALFREDO.

Peor ó essa ! Pedi-te que ficasses para fallares... a mim
deves dizer a verdade... peço-te por minha mãe !

MARIA CONGA.

Pro sua mãe de sucê, Maria Congo tem chorado m un-
ta ragraima !

ALFREDO.

Sei que a estimavas muito... peço-te pois por ella, que
me digas o que sabes a respeito de sua morte.

MARIA CONGA.

Eh ! eh ! eh ! siô moço ! eu sabe rá esse zi-coisa como
foi !

ALFREDO.

Não sabes ! não estavas em casa ?

MARIA CONGA.

Táva, si siô.

ALFREDO.

E o que viste ?

MARIA CONGA.

Meu siô sahi cum êre, e vorotá munto espantáro, guiritando : min-a muiê moreu !

ALFREDO.

Espantado ! Então sentiu a sua morte... ficou muito triste, não ?

MARIA CONGA.

Quá, siôsinho... de nôte táva bom arêgre !

ALFREDO.

Alegre !

MARIA CONGA.

Esse home ! é um home muito máu, siôsinho ! Êre pra sua mãi de sucê, um...assi assi; mãi pra d'esse minina.. um ! um ! um !

ALFREDO.

Pois elle maltratava a mãi de Amelia ?

MARIA CONGA.

Eh ! eh ! eh ! eh ! eh !

ALFREDO.

Mas como ?

MARIA CONGA.

Ora ! (*faz signal de pancadas*).

ALFREDO.

Que dizes !

MARIA CONGA.

Esse home ! um ! O que váre é que Maria Congo, óio vê, boca — um / nêo fára.

ALFREDO.

Mas eu quero que falles... principalmente o que souberes a respeito de minha mãe.

MARIA CONGA.

D'êre não sabe nada...

ALFREDO.

E' impossivel !

MARIA CONGA.

Não sabe, siôsinho ! Uê !

ALFREDO.

(*Com gesto d'impaciencia*). Bem. E da mãe de Amelia ?

MARIA CONGA.

O que esse zôio viu... (*indicando à vista*).

ALFREDO.

E que foi ?

MARIA CONGA.

No dia q'êre táva pra morê, siô veio s'hiu de casa e d'êxou eu sôsinha rá!

ALFREDO.

Por que ?

MARIA CONGA.

Eu tábe rá... táva zangáro d'êre não morê deperéssa, foi-s'imborá.

ALFREDO.

Pobre senhora !

MARIA CONGA.

Mái s'Améra não sabe d'esse zi-coisa...nem di nada...

ALFREDO.

E' provavel... ella ainda estava no collegio quando falleceu sua mãe. Coitada ! Vê-se que ignora tudo.... para ella seu pai é o melhor homem do mundo.

MARIA CONGA.

Tá sêrevido !. Eu váe revá esse matte pra êre ! Esse home ! curúso ! (*benzendo-se*). E' maravádo mêmo ! (*sae*).

Scena 2.^a

ALFREDO E DEPOIS CARLOS.

ALFREDO.

(*Quê tem estado pensativo*). Não ha duvida.... é um ho-

mem capaz de tudo ! Mas que culpa tem sua filha d'essa maldade ? !... Se eu pudesse convencer-a a seguir-me... a abandonar esta casa !... (*Carlos apparece*) E' o que me cumpre fazer quanto antes ! (*vae a sair*).

CARLOS.

Alfredo !

ALFREDO.

Ah ! (*Quer ausentar-se, mas volta maquinalmente com alegria fingida*). Meu tio...

CARLOS.

Que é isso, Alfredo ? ! Se eu imaginasse que a presença do irmão de tua mãe te produzia esse effeito horroroso, teria evitado apparecer-te...

ALFREDO.

(*Beijando-lhe a mão*). Perdão, meu tio !

CARLOS.

Receias que eu te obrigue a sair d'esta casa, sem primeiro convencer-te que o deves fazer espontaneamente ? Enganas-te. Dirigi-te hontem á noite um bilhete, indicando-te a minha residencia e dizendo que queria scientificar-te de tudo ; por consequencia, como não appareceste, vim procurar-te, esperando que peses na balança de tua consciencia as poucas palavras que vou dizer, para tomares a deliberação que espero.

ALFREDO.

Eu o escuto, meu tio.

CARLOS.

Sabes que devido aos prejuizos que tive com o meu negocio na Bahia, vi-me forçado a entregar a casa aos meus credores, ficando com um pequeno saldo que trouxe para esta provincia, com o fito de estabelecer-me aqui. Infelizmente nada consegui, pois tenho vivido até hoje de certas agencias, que quasi nenhum resultado me teem dado.

ALFREDO.

Mas Vmc. por que não mandou-me dizer, que não tinha conseguido realizar os seus intentos?

CARLOS.

Nunca quiz escrever-te, unicamente para evitar explicações. Tinha a íntima convicção de que, se chegasses ao conhecimento d'essa historia repugnante, seria impossivel continuares os teus estudos. Além disso, pouco ou nada poderia adiantar antes do teu regresso, por que teria de lutar perante os tribunaes com um homem, que possui bastante ouro para emmudecer a maior parte das consciencias que nos rodeam. Tu podés conseguir tudo; tens a intelligencia e os conhecimentos precisos, para esclareceres essas cabeças exaltadas pelo interesse. Mas, voltemos á minha narração. — No mesmo dia em que saltei aqui no Rio Pardo, dirigi-me á casa do Sr. commendador Costa, meu *digno* cunhado, para expor-lhe as minhas circumstancias, pedir-lhe o seu auxilio, e dizer-lhe que desejava fixar a minha residencia em Porto Alegre. S. Ex. desesperado com a longa enfermidade de sua mulher, havia desaparecido. Encontrei apenas uma escrava que me conduziu á presença d'essa pobre senhora, que jazia em um leito de agonias. Seria impossivel descrever o horror que senti ao entrar n'aquelle aposento, onde a lugubre claridade de uma miseravel véla de sebo, in-

dicava o completo abandono que rodeava a esposa de um millionario, nos seus ultimos momentos de vida. Approxi-me-me áquelle corpo quasi inanimado e disse-lhe quem eu era. Seguiu-se então uma scena horrivel ! Ergueu-se, lutando com o desespero extremo de quem perde a vida no momento em que mais carece d'ella ; tirou uma chave debaixo do colção, e indicando-me a gaveta de um toucador, que se achava na cabeceira de seu leito, balbuciou estas unicas palavras : — Foi Deus quem o trouxe á minha presença ! Perdão, Senhor !—Quiz pedir-lhe uma explicação ; mas sò conseguí amparal-a em meus braços, onde expirou !

ALFREDO

E que continha essa gaveta ?

CARLOS.

Um livro de orações !

ALFREDO.

Só !

CARLOS.

Só, porque nada mais era necessario para esclarecer-nos.

ALFREDO.

Como ?

CARLOS.

Por achar-se escripta, em algumas margens de suas paginas, a minuciosa narração do fim horroroso de tua mãe !

ALFREDO.

Quero vel-o.

CARLOS.

Acompanha-me.

ALFREDO.

(Depois de pausa) Mas, meu tio, lembre-se que essa pobre menina não deve soffrer as consequencias da maldade de seu pai.

CARLOS.

Dizes isso, porque suppões que ella ignora tudo...

ALFREDO.

Sem duvida !

CARLOS.

Pois vou provar-te, que ha uma combinação qualquer entre ambos a teu respeito.

ALFREDO.

E' impossivel !

CARLOS.

Que convicção ! Estás completamente dominado por essa mulher ! Olvidas até as circumstancias mais salientes, que pôdem justificar esta minha asserção.

ALFREDO.

Juro-lhe que não sei ao que se refere.

CARLOS.

E' necessario pois que eu esclareça as tuas idéas. — Quando, ha nove annos, chegaste á minha casa na Bahia, com a carta que o Sr. commendador dirigiu-me recommendando-te, apezar de não conhecer-me, por eu viver lá desde criança, não te recordas que elle pedia para eu *arrumar-te de qualquer fórma*, ao passo que tua mãe, segundo me informaste na mesma occasião, consentiu que fosses, convencida de que ias estudar ?

ALFREDO.

Sim, senhor.

CARLOS.

Não é verdade, que tres mezes depois recebemos, na *mesma carta*, a fatal noticia de haver minha irmã fallecido, e a participação de que meu cunhado effectuaria em quinze dias o seu casamento com a mãe de Amelia ?

ALFREDO.

E' exacto.

CARLOS.

Não é tambem verdade, que estudaste os preparatorios e frequentaste a academia de medicina cinco annos, sem elle concorrer com cousa alguma ?

ALFREDO.

E' verdade.

CARLOS.

Não é finalmente verdade, que quando lhe mandaste

pedir o que te pertencia do legado por tua mãe; respondem a esse pedido com a proposta de tua união com sua filha ?

ALFREDO.

Sim, senhor.

CARLOS.

E o que prova tudo isto?— Que te affastou de tua mãe sob qualquer pretexto, para mais facilmente conseguir o seu fim criminoso; que effectuando o seu casamento com a de Amelia, não fez mais do que consummar o que deu origem á morte de minha irmã; e que finalmente para ficar com a herança que te pertence, em seus cofres e subjugar-te a seus pés, deseja cazar te com essa menina, que naturalmente annue por saber que é esse o unico meio de salvar seu pai, e obter o teu completo esquecimento do passado.

ALFREDO.

Não diga isso, meu tio. Ella ama-me como é impossivel amar-se mais! N'aquelle rosto de anjo transparecem a todo o instante os verdadeiros sentimentos de sua alma.

CARLOS.

Criança ! Tu ainda não podes conhecer os diversos trilhos, que a infamia tem traçado no terreno da conveniencia ! Acredita que a deliberação que deves tomar, nas circumstancias em que nos achamos, é sahir immediatamente d'esta casa.

ALFREDO.

Oh ! meu tio ! ella morrerá de certo !

CARLOS.

Não morre... esqueço.

ALFREDO.

E eu enlouquecerei! A seu pai devo odiar mortalmente; porém a ella...

CARLOS.

(*Ironic*) Deves acompanhar... (*resoluto*) Enquanto eu viver, nunca! Já que não tens coragem, ao menos para abandonar esta casa, vaes presenciar o que talvez evitasses com a tua ausencia: hoje mesmo tudo será publico; irei apresentar as provas ao delegado de policia... se nada conseguir, terei a satisfação de lançar sobre ti e elle a odiosidade publica.

ALFREDO.

(*Com rapidez*) Oh! isso nunca! (*depois de pausa*) Eu irei, meu tio.

CARLOS.

Estás decidido?

ALFREDO.

(*Desorientado*) Estou. Demoro-me o tempo preciso para levar alguns objectos que me pertencem. Vá esperar-me em sua casa.

CARLOS.

Bem. Por tua mãe quero abraçar-te. São onze horas; ao meio dia devemos estar a bordo. Vou preparar-me e esperar-te... Até já.

ALFREDO.

Até já.

CHERUBINO.

(Dentro) O' de casa... posso subir no mais? *(entra e diz a Carlos que sae)* Viva seu... esta marca parece cá de familia.

Scena 4.

ALFREDO E CHERUBINO.

ALFREDO.

E Amelia, meu Deus ! E' impossivel resistir a esta luta !

CHERUBINO.

Ora viva, patricio. O meu compadre e commendador est'ahi ?

ALFREDO.

(Completamente distrahido) Não sei, senhor...

CHERUBINO.

O' seu... vossê é que é o tal miúdo, filho da minha comadre, mulher do meu compadre e commendador ?

ALFREDO.

(Idem) Sim, senhor...

CHERUBINO.

E que tal ! Tu não me conheces, home ?

ALFREDO.

(*Idem*) Hein ?

CHERUBINO.

Que *diacho* ! pareces qu'estás *estaquiado*. Falla comigo, *home* ! Olha que quando *enveredaste* pra o tal estudo, eras um macáusito gordo como um torresmo, e eu já era esta mesma *coisa*... (*sacudindo-o*).

ALFREDO.

Mas, com quem está o senhor fallando ? Não o conheço... não sei quem é... como atreve-se a fallar-me com essa familiaridade !

CHERUBINO.

Máu, máu, máu, que em vez de estudo trazes o miúdo ardido. Não quero saber mais nada. Se a tua mãe estivesse aqui... sim, quero dizer, que se fosse viva, *havéra* de se *arregular* vendo o filho *doido*.

ALFREDO.

Minha mãe ! O Sr. fallou em minha mãe ?

CHERUBINO.

(*Sahindo*) Adeus, tia Chica, que a trouxa ahí fica.

ALFREDO.

Venha cá, senhor... e perdoe-me se o offendi ! O senhor fallou em minha mãe; é porque a conheceu, não é verdade ? Por ella é que eu estou soffrendo ! Diga-me o que sabe a seu respeito... diga-me se...

CHERUBINÔ.

Êpa! Puche a rédea, patricio, que n'essa *disparada* não chegamos á raia juntos ! Vossê quer que eu diga se conheço a sua mãe ?...

ALFREDO.

Sim... o senhor conheceu-a, não ?

CHERUBINO.

Como a palma d'esta mão....

ALFREDO.

(Agarrando-lhe nas mãos) E sabe do que morreu ?...

CHERUBINO.

(Contrariado) Morreu....morreu affogada, *pra mórde* um temporal...

ALFREDO.

E foi o acaso, a fatalidade, o destino, qualquer cousa que a levou a embarcar; — mas não o desejo em alguém de, por esse meio, effectuar a sua morte ?

CHERUBINO.

Não entendo...

ALFREDO.

Desculpe, senhor ; mas eu estou soffrendo horrivelmente !

CHERUBINO.

Pra mórde quê, home ?

ALFREDO.

Tem razão em dizer que estou doudo... a minha cabeça se perde n'um turbilhão de conjecturas, e o meu coração n'este desespero parece querer suffocar-me. Por tudo quanto ama lhe peço, que me livre d'este inferno...

CHERUBINO.

E que *diacho* quer vossê que eu faça ?

ALFREDO.

Tenha paciencia... affianço-lhe que respeitô as cinzas de minha mãe; mas também estou louco de amor pela filha do homem que... Ah ! senhor, eu não o quero pronunciar... diga-me o senhor que a conheceu, que sabe talvez : — minha mãe foi assassinada ? !

CHERUBINO.

Oh ! com mil *carónas* e *xergas* !

ALFREDO.

E' exacto ? !...

CHERUBINO.

(*A' parte*) Coitado ! (*tira a faca e o fumo para fazer um cigarro*) Agora entendo tudo...vossê está meio desarranjado porque lhe disseram isso...

ALFREDO.

Mas, é verdade !

CHERUBINO.

Esculte, *home...*(*á parte*) Tenho pena d'elle ! (*alto*) Isso é *mintira* !

ALFREDO.

Oh! senhor! torne a repetir para eu certificar-me, que ouvi distinctamente, e que não é um sonho!

CHERUBINO.

Qual sonho, nem meio sonho! Digo eu, o Cherubino Chico, qu'isso é *mintira*!

ALFREDO.

E meu tio que... Não, não é possível! Existem as provas... elle diz que as tem!

CHERUBINO.

(*A' parte*). Se o meu compadre e commendador não *espinotear* d'esta feita, nunca mais!

ALFREDO.

O senhor engana-me... tem pena de me ver soffrer...

CHERUBINO.

Mas quem foi que lhe fincou essa idéa nos *cascos*?

ALFREDO.

Meu tio...

CHERUBINO.

Tio!

ALFREDO.

Esse homem que sahio d'aqui quando o senhor entrou...

CHERUBINO.

Olha lá como eu tenho bom olho, hein ? Disse logo comigo : a marca é da *familha* — E d'onde *desimbestou* aquella alma ?

ALFREDO.

E' o irmão de minha mãe que estava estabelecido com um armarinho na Bahia.

CHERUBINO.

Pois mande o tal bólas plantar batatas. Isso é *mintira*.

ALFREDO.

Oh ! obrigado ! Creia que se assim fôr, hei-de amal-o hoje em diante como se fosse meu pai !

CHERUBINO.

Não me *peála* com essas idéas, patricio...

ALFREDO.

Mas o senhor é capaz de justificar seu compadre...

CHERUBINO.

Não esteja vossê a *esporear-me* a paciencia... já disse o que *havéra* de dizer... sua mãe não morreu... *ansim* d'esse modo... (*á parte*) Eu inda borro a coisa... o mais *mi-lhor* é tocar d'aqui pra fóra. (*alto.*) Deixe-me ir lá dentro vêr o meu compadre e commendador... Elle est'ahi ?

ALFREDO.

Creio que sim.

CHERUBINO

(*A' parte, sahindo*) Temos turumbamba grosso!

Scena 4.^a

ALFREDO.

Meu Deus! o que devo pensar? Ambos fallam com convicção; mas este é compadre de meu padrasto...é seu amigo, talvez... pôde tudo negar para desculpá-lo!...
(*pausa*) Oh! mas é uma vilieza de minha parte... as provas existem...o crime commetteu-se...e eu ainda estou aqui! Todos leem n'este semblante a indignidade do filho que tem vacillado em vingar a morte de sua mãe! Vamos... é preciso ao menos fugir d'esta casa. (*vai a sahir precipitadamente*) Mas, se eu não posso...e ella! aquelle anjo!... Meu Deus! dai-me forças para resistir a esta luta de duas paixões que me matam lentamente! Fazei-me desaparecer da terra, se é impossivel acordar d'este sonho horrivel! E tu, minha querida mãe... perdoa-me esta fraqueza, não posso... não tenho coragem de castigar o teu assassino... vendo morrer de vergonha na minha presença uma innocente!...

Scena 5.^a

O MESMO E AMELIA.

AMELIA.

Ah! ell-o! Se eu pudesse saber o motivo da sua tristeza...

ALFREDO.

(*Pensativo*) E assim passa um homem a vida! Estuda, trabalha, sacrifica-se, gastando parte d'ella sentado no banco de uma academia...e quando espera descansar, e

viver o resto de seus dias com socego e felicidade, encontra uma barreira irresistivel, que lhe tolhe os passos; ou o obriga a precipitar-se n'um abysmo !

AMELIA.

Alfredo !

ALFREDO.

Ah ! Minha querida Amelia !

AMELIA.

Desde hontem que te vejo triste; porque, meu Alfredo ?

ALFREDO.

Senta-te aqui ao meu lado, minha Amelia. Estou tão afflicto, tão incommodado hoje, como não podes imaginar !

AMELIA.

Porque, meu Deus !

ALFREDO.

Se fosse possivel não consentir que me deixasses um instante..

AMELIA.

Mas que tens ?

ALFREDO.

Amelia, lembraste d'aquellas tardes felizes, que ha dous annos passamos n'esta sala ?

AMELIA.

Se lembro ! Foi durante o tempo das ferias..... Minha mãe ainda vivia ! Sabia de seu quarto para vir completar a nossa felicidade, rodeando-nos de carícias e affagos !

ALFREDO.

E depois que me ouvia tocar, aquella musica que me ensinaste... a — oração de uma virgem...

AMELIA.

Que ella denominava — balsamo das saudades !

ALFREDO.

Retirava-se, para só voltar no outro dia ás mesmas horas.

AMELIA.

Ainda tocas essa musica, Alfredo !

ALFREDO.

E como poderia esquecel-a, se foi a nossa companhia n'essas horas mais felizes que temos vivido !

AMELIA.

E porque a não tocaste ainda depois que chegamos ? Vai tocar-a, meu Alfredo...

ALFREDO.

Escuta, Amelia : peço-te como ha dois annos que, todas as vezes que a tocares, te lembres do teu Alfredo, por que elle mssmo cercado das distracções de uma viagem,

ou do fogo e calor de uma batalha, estará infallivelmente pensando em ti !

AMELIA.

E' um pedido de lagrimas que me tornas a fazer, Alfredo ! Essa musica éo nos inspira recordações dolorosas ! Não importa; toca-a meu Alfredo... e acredita que ella será a inseparavel companheira da saudade, que me ha-de dilacerar o coração, durante a tua auzenzia !

ALFREDO.

Sinto-me tão indisposto... (*á parte*) E' a unica lembrança que lhe deixo... devo avival-a ! (*alto*) Vou satisfazer-te. (*Senta se ao piano e toca-a, ficando muito afflicto ao finalisal a*).

AMELIA.

Não te afflijas tanto...

ALFREDO.

Ah ! minha Amelia ! se nos separarem para sempre... acredita que morrerei !

AMELIA.

Separarem-nos ! E julgas que só tu soffrerias com isso ? Hoje consagro-te um amor tão intenso, Alfredo, que será impossivel tambem viver sem ti !

ALFREDO.

Mas ha homens, Amelia, que dizem com todo o cynismo : abandone essas idéas, deixe essa mulher, desfaça esse casamento ! Elles aconselham emquanto não amam;

pois quando se acham em iguaes circumstancias, procedem como nós.

AMELIA.

Mas alguem quiz obrigar-te a desistires do nosso casamento?

ALFREDO.

Não... e quem seria capaz de fazel-o?...Não...e creio mesmo, que esse poder só teria Deus!

AMELIA.

Obrigada, Alfredo!

ALFREDO.

Porém, o mundo é assim! Dôres, prantos, e finalmente a morte: eis em que se resume a vida! Se por acaso temos um momento de prazer, apóz sentimos com a mais viva intensidade as desgraças e desgostos, que lhe succedem.

AMELIA.

Meu Deus! que idéas são estas! Tu me occultas algum soffrimento estranho. Deram-te alguma noticia?

ALFREDO.

Quem?... Se me deram alguma noticia?... Que podiam dizer-me?... Sou eu que...sim...lembrei-me, que em breve tenho de deixar-te...

AMELIA.

Porém, tu tremes...balbucias! Que tens, Alfredo? Se não quizeres marchar, quem poderá obrigar-te?

ALFREDO.

(Enxugando as lagrimas) A minha dignidade de... brasileiro !

AMELIA.

Choras ! querido da minha alma !

ALFREDO.

Não é nada, meu anjo..... não vês que estou rindo. *(Voltando-se para occultar as lagrimas.)* Oh ! meu Deus ! quanto mais me convenço do seu amor, mais soffro ! *(vai a uma janella).*

AMELIA.

Elle tem outro motivo fortissimo, que o está matando. Que será ? !... *(Indo buscar-o)* Alfredo, pelo nosso amôr, peço-te a declaração da origem d'esse desespero. Negarás isto áquella, que te ama mais do que á vida ? !...

ALFREDO.

Amelia, não faças soffrer mais este pobre coração ! Foge de mim ! odeia-me ! antes d'esse momento em que ha-de apparecer um homem, que me quer arrancar da tua companhia !

AMELIA.

Fugir ! odiar-te !! Estás doudo, Alfredo ! Porém não... fallaste n'um homem..... que quer arrancar-te de meus braços... quem é, Alfredo ?

ALFREDO.

(A' parte) Preciso sahir ! sinto faltar-me a respiração.

AMELIA.

Não respondes...Queres matar-me com esta incerteza?

ALFREDO.

Meu Deus !

AMELIA:

Responde, Alfredo. Quem é esse monstro, que deseja matar-me ! Que mal lhe fiz, para assim me querer condemnar ao supplicio de uma existencia martyrisada pelas saudades do meu Alfredo, e que serão a origem da minha morte...porque juro-te, que morrerei, meu anjo !

ALFREDO.

(Desorientado) Oh ! não creias, Amelia, que hajam forças agora, que me possam separar de ti ! Deus não hade consentir, que soffras as consequencias de um crime... quero dizer... de...

AMELIA.

De que ?

ALFREDO.

De uma injustiça, que fazem a teu pai...

AMELIA.

A meu pai ! Um crime ! Meu Deus, as minhas suspeitas se realisam !

ALFREDO.

As tuas suspeitas !

AMELIA.

Accusam meu pai ! Minha mãe, disse-me muitas vezes: minha filha, se algum dia revelarem um segredo, que envolve um crime, perdoa ao culpado !.... Tu és innocente, nada poderás soffrer !

ALFREDO.

Então é verdade ! Ella sabia...

AMELIA.

O que ?

ALFREDO.

Que minha mãe foi assassinada por...

AMELIA.

Meu pai ! Ah ! (*cae sobre uma cadeira*).

ALFREDO.

Oh ! fujaamos ! (*sae precipitadamente*).

Scena 6.^a

AMELIA.

(*Depois de pausa*) Alfredo ! Alfredo ! Sahiu... abandonou-me ? ! Tem razão !... Oh ! meu pai ! É impossivel perdoar-te ! Esqueci tudo... todos os desgostos que deste á minha pobre mãe... e que foram a causa de sua morte !... (*soluçando*) Mas perder o meu Alfredo ?... Oh ! nunca, nunca !

COMMENDADOR.

(*Dentro*) Venha cá para a sala, compadre.

AMELIA.

Elle ! E' preciso sahir tambem... não quero que me encontre aqui (*sae*).

Scena 7.^a

COMMENDADOR E CHERUBINO.

COMMENDADOR.

Estamos sós; póde fallar.

CHERUBINO.

Vossê olhou bem hoje pra cara do seu *intiado* ?

COMMENDADOR.

Por que ?

CHERUBINO.

Progunto se não achou elle abichornado...

COMMENDADOR.

Está.... desde hontem que lhe tenho notado alguma tristeza... mas não sei porque...

CHERUBINO.

Sei eu *no mais*, patricio... e vossê não vai ficar muito contente...

COMMENDADOR.

Mas o que é ?

CHERUBINO.

Elle já pialou a historia toda da mãe, meu amigo.::

COMMENDADOR.

Como ? !

CHERUBINO.

Eu sei lá.

COMMENDADOR.

Mas devia saber-o, porque ninguém lh'a podia contar senão eu, ou vossê..... Se elle sabe, foi vossê quem lh'o disse... foi vossê que faltou á sua palavra !

CHERUBINO.

Vossê está doido, meu compadre e commendador... E quem foi que disse tudo ao tio d'elle ?

COMMENDADOR.

Qual tio ?

CHERUBINO.

O da Bahia, qu'est'áhi !

COMMENDADOR.

Está aqui !

CHERUBINO.

E já esteve na sua casa hoje.

COMMENDADOR.

Vê?... Principiam a apparecer as consequencias da minha loucura e da sua maldade !

CHERUBINO.

Da minha maldade !

COMMENDADOR.

Sim ; vossê devia ter comprehendido quando lhe falei sobre essa morte, que eu estava louco, que desejava unicamente enriquecer minha filha...por consequencia, não devia aceitar com facilidade o plano, e pôl-o em pratica sem reflectir.

CHERUBINO.

Não cabisse de cavallo magro...Que vossê um dia *hacéra* de andar *sinxado* e pelas *carônas* sabia eu.

COMMENDADOR.

Mais criminoso e mais culpado é vossê.

CHERUBINO.

Scio ! *apeie-se* pra lá, patricio !

COMMENDADOR.

Quando fomos ao tal passeio, quem voltou com ella na lancha ?

CHERUBINO.

Eu, *pra mórde* fazer o que vossê mandou...

COMMENDADOR.

Isso é o que ninguém pôde asseverar... na casa onde fiquei sabem que vossê veio só com ella.

CHERUBINO.

Digo eu, que tenho tanta palavra como outro *home* !

COMMENDADOR.

Está bom, não grite.

CHERUBINO.

Pois *antão-se* não me faça fallar... Se eu fosse fazer... essa morte pra *mórde* ganhar o seu dinheiro...

COMMENDADOR.

Scio ! Vamos a saber o que mais interessa. Garante pela sua honra, que nada disse sobre essa historia a nenhum dos dous ?

CHERUBINO.

Eu só disse ao rapaz qu'era *mintira*...

COMMENDADOR.

E ao outro ?

CHERUBINO.

Não fallei com esse *bahiano*.

COMMENDADOR.

E como soube que elle está cá ?

CHERUBINO.

O rapaz é que sabe, não sou eu.

COMMENDADOR.

Mas quem seria ? !... Não é possível... são méras supposições. Em todo caso devo prevenir-me. E' necessario recuperar essa coragem, que sempre tive em peores crises. Tenho armas invenciveis para lutar com ambos : — minha filha, e o meu dinheiro ! (*vae a uma das portas.*) O' Thomé, chega até cá. (*a Cherubino*). Peço-lhe que se conserve mudo, haja o que houver.

CHERUBINO.

Podem parar os *rodeos* que *quizer*...o Cherubino Chico vai *enrinconar-se* lindo !

COMMENDADOR.

Deixe-me só... preciso fallar com o Thomé.

CHERUBINO.

(*A' parte*) Eu cá não digo nada, enquanto não *vêr* isto no que dá. (*Sae*).

Scena 5.^a

COMMENDADOR E DEPOIS THOMÉ.

COMMENDADOR.

Devo dispôr-me em primeiro lugar a sahir da provincia o mais breve possível.

THOMÉ.

(*Entrando*) Prompto.

COMMENDADOR.

Disseste-me ha pouco, que os papéis já devem estar despachados...

THOMÉ.

Disponha-me a ir buscar-os quando me chamaste.

COMMENDADOR.

Foi para te prevenir, que preciso dos meus negocios regularisados, dos documentos que tens em teu poder, do dinheiro recebido...

THOMÉ.

Vaes morrer ? !...

COMMENDADOR.

Embarco amanhã para Porto Alegre.

THOMÉ.

Para ficares lá ?

COMMENDADOR.

Não ; vou ao Rio de Janeiro.

THOMÉ.

Vaes sò ?

COMMENDADOR.

Com minha filha.

THOMÉ.

E o teu enteado ?

COMMENDADOR.

Se amar Amelia, ha-de acompanhal-a. Vai buscar os papeis ; e não esqueças o que acabo de recommendar-tê.

THOMÉ.

Porém, tu sabes que esse dinheiro está em diversas mãos, e assim com promptidão não é possível reunir todo.

COMMENDADOR.

Pois traz o que receberes... e do resto passar-me-has um documento. Peço-te isto, por ter necessidade de fazer esta viagem, e achar-se no banco todo o meu capital, como sabes.

THOMÉ'

Bem...vou empregar os meios que estão ao meu alcance.

COMMENDADOR.

Assim o espero. Emprega os meios que te convier, com tanto que á noite venhas para regularisarmos tudo. Até logo. (*sae*).

Scena 9.ª

THOMÉ E DEPOIS MARIA CONGA.

THOMÉ.

Se fosse possível reunir já todas essas quantias, não seria máo ! D'elle recebi sempre a dous, porém nunca

dei a menos de cinco... e quando comprehendis, que o sujeito estava com a corda na garganta, *fazia uma pequena differença*: emprestava a oito ou dez por cento com penhor equivalente ao dobro da quantia, *se me faz favor*. Vou tratar mas é de me pôr ao fresco. O meu amigo e credor creio que fica filado. A tal idéa d'elle reduzir a mulher á expressão mais simples, vai ser a origem de eu ficar arranjado. Serei senhor d'esses quarenta e tantos contos de reis, dos quaes tenho os recibos dos enforcados, e elle não os tem meus. Saude! não tenho culpa da confiança que depositava na minha pessoa.

MARIA CONGA.

(*Com a cuia de matte na mão*) Uê! siô véio não t'ahi?

THICME'

Não, meu anjo!

MARIA CONGA.

Curúzo!

THOME'

Estou eu... se é para *esvaseár* a tua cuia....

MARIA CONGA.

T'ahi, siô.

THOMÉ.

(*Tomando matte*) Coitada da Maria Conga! anda sempre de cuia na mão.

MARIA CONGA.

Que hare fazê, siô? Maria Congo é nêgo.... é preciso trabaiá. Baranco, sim! tá só detádo, um!

THOME'

Mas aqui na cidade sempre é melhor do que na chacara, não ?

MARIA CONGA.

Quá, siô... aqui tem coisa mái miô pra ôio.... mái lá tem... (*faz signal de espaço*).

THOME'

Mais franqueza...porèm aqui tudo é mais bonito, não ?

MARIA CONGA.

E' si siô...tudo é barão garande, sáia de picáro, chaperrinho de ripúca.

THOME'

Que bonita descripção do luxo ! Chapéo da aripúca ! As moças trazendo-as na cabeça, como dizes, acabam por levarem para casa um viveiro..... principalmente se passearem pelas chacaras. Foi só isso o que achaste mais bonito ?

MARIA CONGA.

Um, um, um ! coisinha mái miô ! Mã Maria Congo, ôio vê, boca — um ! não fára !

THOME'

Isso é que não tem graça...deves dizer tudo o que tens visto.

MARIA CONGA.

Eh, eh, eh ! siô ! Esse gente que móra pur-ahi... (*indi-*

ca a vizinhança) de dia tá munto céro na janéra, mái de nôte .. um, um, um ! Mã Maria Congo, ôio vê, boca — um ! não fára ! E' cratinha pra cá, cratinha pra rá..... hôme que para, hôme que entra, hôme que sae..... um ! Mã Maria Congo, ôio vê, boca — um ! não fára !

THOMÉ'

Não fallas, mas vaes fallando sempre, hein ? Está bom, toma a tua cuia... não quero saber mais nada. De hoje em diante hei-de considerar-te *rainha dos meus clubs* !

MARIA CONGO.

Maria Congo sabe munto pratinho bom ! O que váre é que Maria Congo, ôio vê, boca — um ! não fára !

Scena 10.

THOMÉ E DEPOIS ALFREDO.

THOMÉ'

Safa ! Se eu tivesse familia, ou fosse casado, não queria esta *prenda* na minha vizinhança nem uma hora ! Sinto passos... quem será ? (*oculta-se no F.*)

ALFREDO.

(*Entra, sem ver Thomé, pallido e furioso, trazendo um livro de orações*) As provas eil-as !.... E eu ainda procurava desculpal-o..... desejava até encontrar meios de o conseguir ! Miseravel ! vaes pagar bem caro esse procedimento inqualificavel !

THOMÉ'

A' parte) Bravo ! a cousa arranja-se ! Vou tratar de montar a cavallo e safar-me ! (*sae*).

Scena 11.

ALFREDO.

Preciso fallar-lhe antes de encontrar-me com sua filha. Conheço que ella não é culpada, que será incapaz de conceber um pensamento máo ; mas devo ausentar-me d'esta casa, porque assim a minha dignidade o exige ! Porém como é possível esquecel-a ? ! Se tivéssemos desaparecido antes de se patentear esta historia horrivel... eu a levaria para o lugar mais deserto que podessemos encontrar... para bem longe d'esta provincia, onde o tumulto de minha mãe existe ! Mas que loucura ! Por ventura sò esse tumulto é que me obriga a desistir d'este casamento ! — Não sinto na consciencia minha querida mãe dizer no cumulo do desespero : meu filho , affasta-te d'essa mulher, fuge da herdeira do nome do assassino de tua mãe !... Oh ! meu Deus ! eu morro ! (*senta-se n'uma cadeira e cobre o rosto com as mãos*).

Scena 12.

ALFREDO, COMMENDADOR, E DEPOIS CARLOS.

COMMENDADOR.

Viva, senhor passeador... ainda hoje não tive o prazer de lhe fallar... (*á parte*) Coragem !

ALFREDO.

Oh ! (*quer lançar-se sobre elle, mas fica immovel*). Meu Deus !

COMMENDADOR.

Que tens, Alfredo ? Estás incommodado ?

ALFREDO.

Não, senhor.

COMMENDADOR.

Mas, o que te faz essa physionomia alterada ?

ALFREDO.

Ah ! eu estou com a physionomia alterada ? !...

COMMENDADOR.

E muito !

ALFREDO.

(No extremo do desespero) E V. Ex. vendo, conhecendo esta alteração, não distingue os diversos sentimentos que me torturam ? Não vê a luta encarniçada de dous pensamentos, que se chocam continuamente extinguindo-me a existencia ? Ah ! ah ! ah ! isso não vê, commendador !?...

COMMENDADOR.

Não te comprehendo, Alfredo !

ALFREDO.

Nem pôde comprehender ! V. Ex. é um homem sem coração, sem moral, sem religião...

COMMENDADOR.

Alfredo !

ALFREDO.

Vê este livro, senhor ?

COMMENDADOR.

Creio que era da mãe de Amelia. Onde o achaste?

ALFREDO

Foi encontrado por meu tio na gaveta de um toucador, que se achava na alcova d'essa senhora, poucos momentos depois d'ella expirar. Sabe o que contém? A historia mi-nuciosa do fim horroroso de minha mãe!

COMMENDADOR.

Isso é falso. Essa mulher, mentiu. Meu compadre preveniu-me do que lhe disseste; e como ainda vive a familia que presenciou a morte de tua mãe, hei-de justificar-me... e depois levarei minha filha para longe d'esses infames, que quizeram manchar a minha reputação.

ALFREDO.

Será possível!

COMMENDADOR.

(*A' parte*) Devo empregar astucia e resolução.... (*alto*) Sei que ella morrerá... que perderei minha filha!... mas assim é preciso! Eu daria tudo o que posso.... preferiria ficar na miseria, para que ella não soffresse... porém ama-te tanto, que é impossivel resistir!

ALFREDO.

Oh!

COMMENDADOR.

Terei de vê-la triste, debatendo-se n'esse desespero horrivel, até que as minhas lagrimas vão regar a sua sepultura.

ALFREDO.

Oh ! Senhor !

COMMENDADOR.

Tão moça, tão bella, tão innocente e pura.... e condemnada á morte lenta e cruel de não poder viver ao lado do ente que mais ama no mundo !

Scena 13.

OS MESMOS E CARLOS.

ALFREDO.

Perdão, senhor ! (*Carlos apparece ao F. fardado de capitão de voluntarios em ordem de marcha*) Amelia, a minha querida Amelia não morrerá !

CARLOS.

(*A' parte*) Já o esperava !

ALFREDO.

(*Ajoelhando*) Perdoe, meu pai ! Não me roube a unica felicidade que espero no mundo !

COMMENDADOR.

(*A' parte*) Triumphei ! (*alto*) Levanta-te, meu filho. Amelia é tua ! Dá-me esse livro.

CARLOS.

(*Descendo e arrebatando o livro das mãos de Alfredo*) Levanta-te, Alfredo ! Não manches a tua frente, curvando-a á baixeza e ao crime !

ALFREDO.

Ah ! (*levanta-se rapidamente*).

CARLOS.

Levanta-te, se não queres ouvir ecoar em tua consciencia a maldição de tua mãe.

COMMENDADOR.

Mas quem é o senhor ?

CARLOS.

Esqueces com facilidade as torturas execráveis, que ella soffreu por causa do seu assassino... calcas aos pés a tua dignidade de homem, o teu amor de filho, a tua intelligencia, os teus diplomas de medico, tudo enfim, para te curvares ao Sr. commendador Costa ! a este homem indigno até da mais immunda sociedade; mas que vive na da *aristocracia*, porque é rico, e traz uma commenda ao peito.

COMMENDADOR.

Oh ! é demais !

ALFREDO.

(*Acabrunhado*) Tem razão meu tio !

Scena 14.ª

OS MESMOS AMELIA E DEPOIS CHERUBINO.

AMELIA.

(*Dirigindo-se a Alfredo*) Alfredo !

COMMENDADOR.

Minha filha !

ALFREDO.

Amelia ! (*abraçando-a.*)

COMMENDADOR.

Dê-me esse livro, senhor !

CARLOS.

Nunca ! com elle hei-de patentear o seu crime á justiça, e condemnal-o !

AMELIA.

(*Com dôr*) Meu pai condemnado !

COMMENDADOR.

Pois bem, senhor; como não quer dar-m'o..... hei-de arransal-o das suas mãos, ainda que para isso seja necessario estrangulal-o !

ALFREDO.

Meu tio... saíamos !

AMELIA.

Oh ! não ! não me desamparem !

CARLOS.

Vamos.

COMMENDADOR.

(Lutando com elle). Miseravel, dá-me esse livro ! *(Cherubino apparece ao F.)*

CARLOS.

Largue, senhor ! Será mais facil morrer do que consentir que este livro saia das minhas mãos. *(O commendador consegue tirar o livro das mãos de Carlos, que desorientado pucha o revolver, e ao affastar-se o commendador desfechá-o sobre, elle que cae).*

AMELIA.

Ah ! *(Corre a abraçar-se com o pai).*

CHERUBINO.

(Que tem descido, segurando no brãço de Carlos) Que fez, home ? !

CARLOS.

Vinguei a morte de minha irmã !

CHERUBINO.

Qual morte ? !... Ella está viva !

CARLOS E ALFREDO.

Viva ! !

CHERUBINO.

Sim !...e na minha companhia !

CAE O PANNNO.

ACTO TERCEIRO.

Sala de uma chacara nos arrabaldes de Porto Alegre. Portas lateraes e janellas ao F.

Scena 1.ª

D. MARIA E AMELIA.

D. MARIA.

(Sentada) Ainda não apparece o Sr. Cherubino ?

AMELIA.

(Na janella) Não, senhora.

D. MARIA.

Com effeito !

AMELIA.

(Descendo) Vocemeccê não lhe recommendou, que esperasse o vapor de Rio Pardo, para saber se ha alguma noticia ou cartas do Alfredo ? *(senta-se)*.

D. MARIA.

Mas o vapor já deve ter chegado.

AMELIA.

Talvez não, minha mãe.

D. MARIA.

Antes tivéssemos ficado lá... receberíamos as cartas com mais promptidão.

AMELIA.

Que grande differença... mela hora, talvez.

D. MARIA.

E é pouca, para quem espera como nós?

AMELIA.

Não, de certo; mas ao menos temos a certeza de que, tanto as cartas e noticias como elle, se lá chegarem, aqui hão-de vir tambem.

D. MARIA.

Se eu não tivesse essa convicção, não ficaria n'esta casa nem cinco minutos.

AMELIA.

Olhe, que eu posso ter zelos d'esses extremos...

D. MARIA.

Não te faço essa injustiça... sei que com elles, me tornarei ainda mais digna do teu amor.

AMELIA.

(Beijando-lhe a mão) Oh ! eu não lhe mereço tanta bondade ! Eu, que fui a causa de todos os seus soffrimentos !

D. MARIA.

Não penses mais no passado, minha filha.... lembra-te unicamente da felicidade, que em breve vamos gozar na companhia do nosso Alfredo.

AMELIA.

Aqui n'esta provincia, não ha felicidade possivel para nós, minha mãe !

D. MARIA.

Não comprehendo o motivo d'essa tua asserção... parece-me que os principaes obstaculos, acham-se completamente destruidos.

AMELIA.

Talvez !

D. MARIA.

A principal circumstancia, que poderia cooperar para a nossa infelicidade, creio que foi evidentemente destruida por teu pai. Se elle, para attestar o seu arrependimento, não prevenisse tudo, declarando verbalmente e por escripto, que tinha tomado a deliberação de extinguir a sua existencia, por saber que esse era o unico meio de evitar a sua presença nos tribunaes, meu irmão teria de soffrer as consequencias d'esse conflicto, prejudiciaes para todos. Felizmente com essa declaração, o publico convenceu-se, que o Sr. commendador Costa suicidou-se em um momento de desespero ! — Esta era a principal circumstancia, como já disse. — Quanto ás opinioes sociaes, temos para torcel-as a nosso favor, um cofre recheado de ouro, que será infallivelmente o tumulo onde essas consciencias *metalicas* sepultarão a minha historia. Que mais queres ?

AMELIA.

Que fallemos sobre outro assumpto, minha mãe! Vmec. sabe, que para affastar-nos d'estas recordações, o Alfredo antes de marchar para a fronteira, vendeu a casa e chaçara de Rio Pardo, e veio comprar esta, onde nos deixou.

D. MARIA.

Tens razão minha filha!

CHERUBINO

(Dentro) O' gentes! aqui trago um *disyarrado*!

D. MARIA.

(Levantando-se) Meu Deus! será elle!

AMELIA.

(*Idem*) Misericordia! estou a tremer! (*vae á janella*) Ah! é uma pessoa, que Vmc. não conhece e a quem devemos muitissimos obsequios, porque era o procurador de meu pai. (*Vae recebê-lo*).

Scena 2.^a

AS MESMAS, THOMÉ E CHERUBINO.

AMELIA.

Oh! Sr. Thomé! Como está?

THOMÉ.

Dando força áquelle ditado, minha senhora:— Quem é vivo sempre apparece! (*a D. Maria*) Minha senhora...

D. MARIA.

Boa tarde, senhor. Estimo muito ter occasião de conhecê-lo.

THOMÉ.

Oh ! minha senhora ! Igualmente ! V. Ex. é...

D. MARIA.

A viuva do Sr. commendador Costa.

THOMÉ.

Realmente é inexplicavel o prazer que sinto ao vel-a, minha senhora !

CHERUBINO.

O' home ! chega de tanto *impinar-se* ! Vossês são capazes de aguentar a pechada de uma noticia boa ?

D. MARIA.

Ha alguma noticia do Alfredo e de meu mano ?

THOMÉ.

Sim, minha senhora; quando sahi de Rio Pardo, elles ficaram embarcando as bagagens em outro vapor, que devia seguir d'ahi a duas horas.... pouco podem demorar-se...

CHERUBINO.

Antão-se ! Havemos de fazer hoje aqui um *fandanguinho* lindo, hein ?

AMELIA.

Finalmente, vamos vel-o, depois de quatro mezes de ausencia, minha mãe !

D. MARIA.

Ah ! minha filha ! não imaginas o prazer que sinto !

CHERUBINO.

Não é pra menos ! Eu cá nem um terneiro a mamar me ganha !

AMELIA.

E o Sr. fallou com elle, senhor Thomé ?

THOMÉ

Fallei, minha senhora; pediu-me que viesse dar essa noticia a V.^{as} Ex.^{as}, e que o esperasse aqui.

D. MARIA.

Então, senhor Cherubino, é preciso levar os cavallos para a cidade.

CHERUBINO.

Ainda é cedo, *home*. Eu d'aqui a pouco *agacho-me* pra lá. e trago elles a cabresto até á porteira.

AMELIA.

Que horas são, senhor Thomé ?

THOMÉ

Quasi seis, minha senhora.

AMELIA.

E ainda não ha duas horas que chegou?

THOME'.

Não, senhora.

CHERUBINO.

Que *diacho* ! Vossês não me deixam fallar hoje, home ? !...

D. MARIA.

Pois falle... temos mais alguma noticia ?

CHERUBINO.

(*Com muita intenção*) *Antão-se* não se *alembra*m, que eu *tão bem* tenho *sôdades* da minha *catúrra*...

AMELIA.

Ah ! é verdade. Coitado do senhor Cherubino ! Hoje mesmo ha-de-lhe ser entregue.

CHERUBINO.

Hoje... quando ?

AMELIA.

Depois que elles chegarem... Agora vá primeiro levar os cavallos.

CHERUBINO.

Primeiro hei-de vel-a *no mais*... quem sabe !... Já tenho esperado um *bandão* de tempo !

D. MARIA.

Vai, Amelia... qualquer demora é prejudicial.

AMELIA.

Que mania ! Venha buscal-a, senhor amante das caturras. (*sae*).

CHERUBINO.

Êpa ! Chegou o dia da minha caturra guinchar ! (*acompanha-a*).

Scena 3.ª

D. MARIA E THOME'.

THOME'

Que amizade tem elle ao tal bichinho !

D. MARIA.

Qual bichinho ?

THOME'

Pois não é uma *caturrita* ?

D. MARIA.

Qual ! é a sua viola !

THOME'

Ora isto !

D. MARIA.

Coitado ! A's vezes lastimava-se tanto por se ver privado d'ella, que quasi chorava. Nos primeiros dias então, até receei que adoecesse.

THOME'

Com effeito ! E ha muito tempo que se acha privado de tocá-la ?

D. MARIA.

Ha quatro mezes... desde que falleceu o senhor commendador, guardei-a, e disse-lhe que só lh'a restituiria quando meu filho regressasse.

THOME'

Tambem foi victima da loucura do meu amigo. V. Ex. desculpe; mas na minha fraca opinião, o homem que se suicida, está doudo. Eu fiquei petrificado quando li em Alegrete a gazetilha do jornal, que deu a noticia de ter-se suicidado o senhor commendador Costa.

D. MARIA.

Creia que em iguaes circumstancias, o senhor faria o mesmo.

THOME'

Deus me livre, minha senhora ! Eu pegar n'uma pistola para escangalhar a minha cabeça... ainda se tivesse a certeza de que haveria quem a concertasse...

D. MARIA.

Naturalmente ignora os motivos que o levaram a esse extremo...

THOME'

Pelo que li no jornal, creio que foi por apparecerem as provas de que elle tinha mandado assassinar a V. Ex...

D. MARIA.

Já vê que houve um motivo fortissimo.

THOME'

Mas d'ahi a alguns instantes soube que V. Ex. vivia ainda, e arrependeu-se talvez de commetter esse *destampatorio*...

D. MARIA.

Não podia arreponder-se, porque elle teve consciencia da minha morte.

THOME'

Ah ! — Mas chegou a vel-o, minha senhora ?

D. MARIA.

Pois não ! Logo que o conduziram para o seu quarto, mandou-me buscar immediatamente pelo senhor Cherubino, dizendo que queria implorar o meu perdão... e como viveu ainda alguns dias, e eu desejava satisfazel-o, consegui com sacrificio chegar uma hora antes d'elle expirar ! (*ouve-se tocar viola*).

THOME'

Lá está o senhor Cherubino com a sua catúrra ás voltas.

D. MARIA.

E o vapor talvez já tenha chegado.

THOMÉ.

Supponho que não.

Scena 4.ª

OS MESMOS E CHERUBINO.

CHERUBINO.

(Tocando) Não se lembra mais d'estas agachadas, patricia ?

D. MARIA.

Eram as nossas distracções no meio d'aquelle deserto...

CHERUBINO.

Pucha-lô tempo bom ! (toca e sapateá).

D. MARIA.

Ora, deixe-se d'isso agora, senhor Cherubino...

CHERUBINO.

Vossê não sabe o que é bom, home... isto é que inflóe a gente... Hein ! seu Thomé ? *(toca)* Épa ! mano Juca ! *(dá um estalo com a boca)*.

D. MARIA.

Toque ao menos alguma cousa que se possa ouvir.

THOMÉ

Não canta, senhor Cherubino ?

CHERUBINO.

Jssó que canto eu !

THOME'.

Pois venha de lá um versito no mais...

CHERUBINO.

Antão-se lá vai... (toca e canta o seguinte debaixo de requiebras).

O tatú cahiu na roça,
Toda roça mi comeu;
Plante roça quem quizer,
Qui o tatú quero ser eu.

THOME'

Bravos ! muito bem !

D. MARIA.

(Emquanto elle toca o estribilho) E ninguem lhe diga que não gosta... fica furioso !

CHERUBINO.

(Continuando). O tatú foi encontrado
No caminho de Viamão;
Di laço e bolas nos tentos
Repassando um redomão.

THOME'.

(Ironico) E' admiravel ! Sinto não saber tocar como o senhor !

CHERUBINO.

Se vossê quer eu ensino...

THOME'

Havemos de tratar d'isso...*para o futuro!*...(a D. Maria) Que grandes massantes são estes homens, quando entendem que devem mostrar as suas habilidades!

CHERUBINO.

O que é que vossê está mastigando ahí?

THOME'.

Estou dizendo que... sinto que o nosso Imperador não tivesse tempo de ouvi-lo.

CHERUBINO.

Se elle viesse a minha casa isso que tocava eu. *Pucha-lo-home* lindo! Caramba! Vi elle quando andou aqui.... Olhe que é *home* que não pára! E' pr'aquí, é pr'ali... e eu atraz d'elle *pra mórde* lhe apertar a mão... *qu'ispe-ranças* tristes... foi-se no meio d'aquella gente, lindo!

THOME'

Ah! o senhor queria apertar-lhe a mão?!

CHERUBINO.

Pois *antão-se!*

D. MARIA.

Que alvoroço causou lá na cidade a noticia da rendição dos paraguayos na Uruguayana...e depois o que fizeram

quando o nosso monarcha regressou da campanha ! Que festejos ! que alegria, que enthusiasmo !

THOME'

E com toda a razão ! Se elle não vem á provincia, não sei o que seria de nós !

CHERUBINO.

Era tanto *povareo* por aquellas ruas que mettia medo ! Não se passava nem a gancho..... não sei como elles não rodavam uns por-riba dos outros !

Scena 5.^a

Os MESMOS E AMELIA.

AMELIA.

Ora senhor ! Pois o senhor Cherubino ainda aqui está... o vapor já deve ter chegado.

D. MARIA.

Tenha paciencia, senhor Cherubino...

CHERUBINO.

Dizem que é boa pra vista. ... Já me *agacho no mais*. Vão vêr que ainda tenho d'esperar...

THOME'.

Talvez não !

CHERUBINO.

Veremos, como diz o *cégô* ! (*sae*).

Scena G.ª

OS MESMOS MENOS CHERUBINO.

AMELIA.

Vim pedir-lhe que desculpe estas pequenas ausências...esperamos um hospede muito querido, como sabe, e todos os preparativos para o seu regresso são poucos.

THOME'

Oh! minha senhora! V. Ex. confunde-me!

AMELIA.

Estou desculpada, não?

THOME'

Basta a lembrança de que chega seu marido, creio.

AMELIA.

Por horas — noivo. Infelizmente ainda não se effectuou esse casamento, de cujos papeis o senhor tratou.

THOME'

Com effecto!

AMELIA.

Falleceu meu pai...

THOME'

Ah! tem razão; não me lembrava.

AMELIA.

Apezar de que pediu muito ao Alfredo, que não marchasse sem effectual-o; porém elle não quiz... disse que só o fariamos, pelo menos seis mezes depois...

THOME'

Procedeu como devia.

AMELIA.

Então... com licença.

THOME'

Pois não. (*Amelia sac*).

Scena 7.

D. MARIA E THOME'

THOME'

Não posso esquecer-me do typo original do seu compadre, minha senhora.

D. MARIA.

Qual ?

THOME'

O senhor Cherubino...

D. MARIA.

Tambem o senhor acreditou...

THOME'

Em que ?

D. MARIA.

Que elle era compadre de meu marido ?

THOME'.

Como !

D. MARIA.

Nunca o foi... tratavam-se assim por conveniencia....

THOME'

Ah ! Sinto não saber minuciosamente os pormenores d'essa historia, origem da abnegação de V. Ex., para mim impossivel de imitar-se; mas tomando ser importuno, esperarei outra occasião mais favoravel.

D. MARIA.

Pensei que os sabia... foi tão propalada...

THOME'

Sei unicamente do desfecho, porque li, como já tive a honra de dizer a V. Ex.; mas fui para o Alegrete, justamente no dia em que o meu amigo tomou essa terrivel deliberação de ouvir os segredos d'uma pistola, que geralmente fazem voar as cabeças que os escutam.

D. MARIA.

Pois vou satisfazel-o, por saber que o senhor foi um intimo amigo de meu marido. Estamos sós, e por consequencia a occasião não podia ser melhor.

THOME'.

Assim o creio.

D. MARIA.

Quando falleceu meu primeiro marido, pai do Alfre-

do, legando-me a riqueza consideravel, que tão pouco tempo gozei, tinha eu apenas vinte e oito annos, e meu filho dez. O senhor commendador Costa, homem de maneiras delicadas, attencioso, e que me convenceu ser o symbolo da honra e probidade, frequentava já a nossa casa. Depois de alguns mezes, disse-me um dia, que desejava fazer-me um pedido... pensei que fosse alguma quantia; enganei-me, porque declarou-se pedindo-me a mão de esposa. Lembrei-me que praticava uma tolice em casar-me, possuindo essa riqueza de mais de quatro centos contos de reis.

THOME'

Eis uma das principaes circumstancias, que eu ignorava: que V. Ex. era a legitima proprietaria dos bens do casal.

D. MARIA.

Pois aquelle homem com que fim procurou realizar o nosso casamento? Se elle me tivesse amôr, procederia da maneira que sabe?

THOME'

Não, de certo! Mas afinal, V. Ex. annuiu ao que elle desejava...

D. MARIA.

Reflecti, que meu filho necessitava ir um dia para o collegio, e que eu não devia ficar só n'uma estancia com os escravos... que precisava mesmo um homem, que administrasse e zelasse todos os meus bens. Respondi-lhe, que aceitava a sua proposta. Mostrou tanta alegria ao ouvir a minha decisão, que eu — pobre tola — convenci-me, que era devida ao amor que me consagrava! Infelizmente não pude comprehender, que elle para garantir

o futuro de uma filha de nove annos de idade, tinha apresentado á mulher com quem vivia amancebado, mãe d'essa menina, o plano horrivel de effectuar o seu casamento commigo, para d'ahi a poucos mezes fazer-me desapparecer.

THOME'

Com que fim ?

D. MARIA.

A consequencia é facil : dar depois o seu nome a essa menina, acompanhado da riqueza que me pertencia, e que, para elle, valia muito mais do que eu.

THOME'

Que sacrilegio ! V. Ex. mostra ainda, que devia ter um valor superior !

D. MARIA.

Agradecida. Quer dizer, que elle foi excepção...

THOME'

Isso não ; pertencia á turma, dos que dizem ser na actualidade o ouro base de todas as virtudes... *(á parte)* o que é incontestavel !... *(alto)* mas o que seria de nós, se não houvessem homens de consciencia e pensar contrario !

D. MARIA

Pois este procedeu como um miseravel ! Effectuámos o casamento em Rio Pardo, e ahi ficamos residindo. Considerei-me muito feliz durante esse pouco tempo que vivemos juntos... Realmente elle parecia occupar-se exclu-

sivamente em agradar-me, e em satisfazer os meus mais insignificantes caprichos.

THOME'

(A' parte) Que velhaco !

D. MARIA.

Illudindo-me todos os dias com essa habitual hypocrisia, conseguin obter a minha approvação para mandar meu filho á Bahia formar-se em medicina. Logo que o menino veio para Porto Alegre, esperar o barco que o devia transportar, começou a pôr em execução o seu grandioso projecto. Mandou em primeiro lugar preparar uma canôa por tal fórma, que ao mais leve movimento do pé de quem a governasse, desprendesse-se uma taboa do fundo, submergindo-se immediatamente.

THOME'

Safa !

D. MARIA.

Esperou o dia mais conveniente para a realisação de seus desejos, que foi o de um horrivel temporal. A tormenta estava prestes a desabar, quando elle foi instar commigo para irmos visitar uma familia, que habitava do outro lado do rio. Debalde ponderei, que a tarde estava pessima, e que seria mais prudente ficarmos em casa. Respondeu phrases sem nexo, e levou-me quasi á força até ao lugar do embarque, onde se achava o senhor Cherubino, que foi o homem de confiança apresentado pela minha rival, para pôr em execução o plano.

THOMÉ.

Fazendo o tal movimento, que facilitava os banhos eternos... Irra ! Decididamente padeço muito dos ner-

vos... quasi me convenci que já ia mergulhando. Mas o Sr. Cherubino sabe nadar?

D. MARIA.

Pois não. Elle foi criado em uma casa, que ainda existe na margem do Rio dos Sinos.

THOMÉ.

Ah ! Mas n'essa época morava em Rio Pardo.

D. MARIA.

Não, senhor. Estava na cidade ás ordens de meu marido; mas a sua residencia, era perto da Cruz Alta.

THOMÉ.

Mão lugar ! Dizem que os ralos lá cruzam-se no espaço, e tambem nas costellas dos viajantes, mesmo nos dias lindissimos e de sol ardente. Safa ! Vê-se de repente um — fus — foi-se um homem ou um...*animal*.— Mas voltemos á narração de V. Ex., que eu tive a imprudencia de interromper, apezar de interessar-me extraordinariamente a conclusão.

D. MARIA.

Dizia eu, que...

THOMÉ'

Que... Ah ! Que naturalmente chegando ao lugar em que estava a canôa, embarcaram todos.

D. MARIA.

E' verdade. Atravessámos o rio. O vento soprava já com vehemencia. Meu marido, dominado por aquella idéa

que o preocupava, de fazer-me desaparecer, apenas entrámos na casa da tal familia, fingiu um grande incommodo, e sob o pretexto de eu lhe ir buscar a sua botica homeopatica, fez-me regressar immediatamente com o Sr. Cherubino. Conseguimos fazel-o, com uma difficuldade impossivel de imaginar-se; pois viamos a morte a cada instante, no meio d'aquelle horrivel vendaval e de uma copiosissima chuva. O meu companheiro, depois de ajudar-me a saltar para a terra, desprendeiu então a taboa e contemplou a canôa submergir-se, dizendo: Deus, algum dia me recompensará esta acção!

THOME'

Bonito! Provou até á evidencia, que só se encontram consciencias puras, n'esses homens que vivem affastados da sociedade actual. (*á parte*) Parece impossivel que eu não córe ao dizer, ou por outra, ao talhar carapuças para mim mesmo. (*alto*) E depois, minha senhora?

D. MARIA.

Expoz-me francamente as verdadeiras intensões de meu marido, e pediu-me que o acompanhasse. Não me oppuz, porque reflectindo em certas circumstancias, que se deram durante o dia, comprehendí que tudo se encaminhára áquelle fim. A pouca distancia achavão-se dous cavallos, que elle tinha deixado ensilhados e promptos, para nos conduzirem á sua casa; mas como era preciso voltar n'essa mesma noite para dizer ao senhor commendador q' tinha cumprido as suas ordens, fiquei esperando-o, sentada junto de uma arvore no meio do campo, e envolvida n'aquelle turbilhão de horror! Como revesti-me de tanta coragem, não sei. Quando appareceu o Sr. Cherubino, tudo havia cessado. Montamos a cavallo e seguimos para a sua casa, que era perto da Cruz Alta, como já disse. Durante a viagem, que tornou-se bastante longa, por procurarmos atalhos e caminhos desconhecidos, *sestindo*

sempre embrenhadós no mato, elle scientificou-me, que meu marido estava intimamente convencido de que eu fallécera, e pediu-me, que se desejava conservar a minha existencia, me occultasse o mais possível. Convenci-me que não havia outra deliberação a tomar, e assim vivi *nove annos* !

THOME'

Pois, minha senhora, estou realmente admirado! Nunca pensei que o meu amigo commendador tivesse idéas tão gigantescas na perversidade ! V.Ex. fez bem em tomar essa deliberação, mas permitta que eu lhe diga o que faria em taes circumstancias.

D. MARIA.

Pois não.

THOME'

Eu apresentava-me ao delegado e contava-lhe tudo, logo no outro dia.

D. MARIA.

Não podia fazel-o. Meu filho estava muito criança; tinha sahido da provincia havia pouco tempo com o fim de estudar, como já lhe disse, e eu não queria de maneira alguma, que elle soubesse essa historia repugnante no centro de seus collegas; podia desgostar-se e abandonar o estudo, tornando-se um ente inutil para si e para a sociedade. Entendi ser mais conveniente esperal-o, e combinar-mos então, o que fosse de sua vontade. Deus livrou-nos de qualquer procedimento como sabe...

THOME'

Com a morte... heroica de seu marido.

D. MARIA.

E' verdade.

THOMÉ.

V. Ex. desculpe a minha importunidade : não é possível saber-se o que deu origem a esse cavalheirismo do senhor Cherubino em conservar-lhe a vida ?

D. MARIA.

A' paixão que sentia por mim, ainda no tempo em que vivia o pai do Alfredo.

THOMÉ'

Ab !

D. MARIA.

E o mais admiravel, o que declaro de frente erguida, debaixo de um juramento sagrado é, que sendo um homem rustico, como se vê, nunca dirigiu-me a menor offensa...e respeitou-me sempre, como se eu fosse sua mãe !

THOMÉ.

Não duvido ! (*á parte*) Era paixão de cabôculo...

D. MARIA.

E para comprehendel-o, foi-me preciso nove annos... isto é, todo o tempo que vivi na sua companhia.

THOMÉ.

Cada vez o acho mais original !

MARIA CONGA.

(*Entrando*) Lóvado sôsô christo.

THOMÉ.

Olé! Como estás, Maria Conga?

MARIA CONGA.

Uê! sussê pur aqui! (*a D. Maria*) Minina tá chamando. (*Sae*).

D. MARIA.

Com licença, senhor Thomé. Provavelmente não vae hoje para a cidade; por consequencia esta casa é sua como d'antes... faça o que entender, ou o que julgar mais conveniente para não aborrecer-se. Esta casa é sua, repito. (*sae*).

THOMÉ'

Não sou tão feliz que mereça essa ventura, minha senhora.

Scena 8.

THOMÉ'

Não comeces com muita piéga... olha, que eu não sou cabôculo como o outro. Se eu pudesse *encaxar-me* dentro de tudo isto, (*indica a casa*) não seria mão. Parece que triumphei! A velha nada disse a tal respeito..... então o commendador atrapalhado com a morte, não se lembrou mais de mim. Eu declarar, que fiquei com os taes quarenta e tantos contos, é que não faço em summa! É se consigo alcançar o que me trouxe a Porto Alegre... o tal lugar de *fornecedor*, então é que d'aquí a alguns annos empresto dinheiro ao banco de Inglaterra. Sinto-me muito incommodado, quando penso n'estas cousas! Vou respirar o ar livre, e receber os primeiros raios da lua sobre esta imaginação ardente! (*vae a sahir*).

Scena 9.^a

THOME' E AMELIA.

THOME'

Ia ao seu jardim, minha senhora... apprecio extraordinariamente o aroma das flores, n'esta hora solemne em que o dia se despade de nós.

AMELIA.

E a noite vae ficar lindissima ! Veja... (*dirige se á janella*) que magnifico luar !

THOME'

E' verdade, minha senhora; e eu preciso mesmo respirar o ar livre... estou um pouco incommodado.

AMELIA.

Está incommodado ?!..

THOME'

E' cá um certo negocio que me trouxe a Porto Alegre, que quando penso n'elle fico tão tervoso..... que receio um ataque apoplectico !

AMELIA.

(*Rindo-se*) Jesus ! Corra, corra, senhor Thomé... vá ao jardim e *forneça-se* de todos os perfumes que encontrar...

THOME'

Fornecer ! E' justamente isso o que faz bem a uns, e mal a outros ! Com licença, minha senhora, decedidamente preciso saber:

AMELIA.

Sinto não poder acompanhá-lo... senão iria mostrá-
lhe o meu jardim, a minha horta...

THOMÉ.

E o seu pombal.

AMELIA.

E' o que não temos.

THOMÉ'.

Lastimo.... ninguem apprecia melhor do que eu essa
criação... *sou capaz de passar um dia inteiro a brincar com
uma pombinha.*

AMELIA.

Dizem que é uma ave agoureira... é um máo prognos-
tico quando fogem da casa aonde se criam.

THOMÉ'.

Sem duvida ! Quando *fogem* é um máo signal ! Até já,
minha senhora. (*sae*).

AMELIA.

Até já.

THOMÉ'.

(*Voltando*) Desculpe esta franquesa..... sabe que sou
quasi um filho da casa... (*sae*).

AMELIA.

Pelo menos no tempo de meu pai, assim o conside-
rava...

THOMÉ.

(Voltando) E deve considerar-me ainda.... Hei-de *servil-as* sempre, com a mesma promptidão e prazer d'aquelle tempo.

AMELIA.

Agradecida.

THOMÉ'.

Eu pouco me demoro. Até já. *(sae)*.

AMELIA.

Faça o que entender... esta casa sempre foi sua...

THOMÉ'

(Voltando) Oh! minha senhora! V. Ex. faz com que eu tenha vontade de morar aqui. *(d parte)* Decedidamente filei os quarenta e tantos contos! *(alto)* Com licença. *(sae)*.

AMELIA.

Pois não. *(sae; encontra-se com Maria Conga, que traz uma vela acesa, e finge dizer-lhe alguma coisa)*.

MARIA CONGA.

Si siá.

Scena 10.ª

MARIA CONGA.

(Com a mão no joelho, gemendo e illuminando a sala) A're um, um... pro móri esse remôhuo de rumação... dá um ca-

neráda, qu'isfóra canéra tudo ! Um, um..... Minha zi-fio pareceu.... pensou de decançá..... quá ! sereviço t'ahí tudodia. Ah ! minha tempo de rapariga, que tudo andava de ôio grerádo só fazendo róda ! N'esse tempo, Maria Congo botava téra no ôio de crlorinha... e não faratava gimbo e missangáda. Um, um... agora ainda fica mái mió c'o esse esforadéro. Se nêgo pede rumedio pra branco, guiríta logo : saráta d'aquí, isso é manho... teu rumedio é bacaiáu... é o que tu precisa. Canaia ! MÂ Maria Congo, ôio vê, boca — um ! não fára.

Scena 11.

A MESMA E D. MARIA.

D. MARIA:

A Amelia está á espera do que te pediu.

MARIA CONGA.

Já vae, minha zi-fio... um... um...

D. MARIA.

O que tens, Maria Conga ?

MARIA CONGA .

Eh ! eh ! eh ! dêxa Maria Congo, minina ! Ta c'um canéra esforádo, que dóe como remônho !

D. MARIA .

E como esfolaste a canéla ?

MARIA CONGA.

E'um esse rumação rá de dentro... caminhou di pessa, e bumba n'iscáda.

D. MARIA.

Tem paciencia, minha Maria Conga... tu agora has-de descançar... o Alfredo prometteu-me dar-te a tua carta de liberdade no dia do seu casamento...

MARIA CONGA.

P'ra sahi d'aqui ?

D. MARIA.

Não ; ficas, se quizeres, fazendo-nos companhia, mas sem trabalhares.

MARIA CONGA.

Ah ! mê-ân-dêso ! qui rigria ! eu não sabe o que há-re fazê ! *(ajoelha e beija as mãos de D. Maria).*

D. MARIA.

Não tens que me agradecer... é dever nosso fazer-te isso... estás muito velha, e nós felizmente podemos dispensar os teus serviços.

CHERUBINO.

(Dentro) E' agora no mais, gentes... elle ahi vem !

D. MARIA.

Ah ! o meu querido filho ! Maria, vae chamar a menina.

Scena 12.

D. MARIA, CHERUBINO, AMELIA, ALFREDO E CARLOS.

CHERUBINO.

(Entrando) Puf ! chô-mico ! Quasi que arreganhei os mantúngos...

D. MARIA.

(Na janella) Mas onde estão ?

CHERUBINO.

Esbarrei com elles na estrada...

D. MARIA.

Ah ! vieram n'aquelle carro que acaba de parar na porteira...

AMELIA.

(Entrando) Aonde está elle, minha mãe ? *(corre à janella)* Ah ! eil-o, finalmente ! *(vão á porta)*.

ALFREDO.

(Entrando) Oh ! minha querida mãe ! *(abraça-a ; para Amelia)* E tu, meu anjo, vem tambem junto do meu coração, sentir os seus queixumes de amarguradas saudades !

AMELIA.

Meu Alfredo ! *(abraça-o)*.

D. MARIA.

E meu irmão ?

ALFREDO.

Eil-o, minha mãe !

CARLOS.

(*Entrando*) Minha irmã ! (*depois de abraçá-la, dirige-se a Amelia*) Minha senhora, desgraçadamente a fatalidade um dia obrigou-me a commetter um crime, do qual o verdadeiro juiz de minha consciencia ó V. Ex. Como tenho de ficar n'esta casa, vivendo em contacto com a sua familia, preciso pela segunda vez implorar de V. Ex. o meu perdão.... certificando-lhe, que do contrario retirar-me-hei immediatamente.

AMELIA.

Meu pai, disse-lhe poucos momentos antes de expirar: Eu te perdôo... pois creio, e creio firmemente, que foste guiado por um poder supremo, na execução do justo castigo que eu merecia ! — E n'aquelle abraço final, provou a sua sinceridade ! Seguindo este exemplo de um moribundo, eu tambem lhe direi : — Perdôo-lhe, porque creio intimamente, que o destino cruel de meu pai, é que o levou á sepultura ! E para provar-lhe tambem a minha sinceridade.... eu o abraço meu tio !

CARLOS.

Obrigado, minha sobrinha; este abraço encerra o verdadeiro socego de minha consciencia, que sempre tenho pedido a Deus !

D. MARIA.

Será conveniente não conversarem muito sobre este assumpto... temos uma pessoa em nossa casa, que poderia ouvir.

ALFREDO.

Quem ?

AMELIA.

O Sr. Thomé.

ALFREDO.

Ah ! E onde está ?

D. MARIA.

Passeando no jardim. (*vae á janella*) Elle deve ter visto vossês chegarem.

ALFREDO

Preciso fallar-lhe sem testemunhas. (*a Amelia*) Tenho aqui na minha carteira, uma nota que teu pai deixou-me, especificando as diversas quantias que lhe emprestou.

AMELIA.

Ah ! elle ficou devendo a meu pai ? !

ALFREDO.

Quero vêr se está disposta a entregal-as.

CHERUBINO.

Isso que ha-de estar elle !

ALFREDO.

Quem sabe !

CHERUBINO.

Vossê me dá isso pra mim ?

ALFREDO.

Dou... mas se elle negar, está perdida a divida.

CHERUBINO.

Peor ! *Progunto* se me dá.

ALFREDO.

Até com a declaração embaixo, se quizer.

CHERUBINO.

Está dito *no mais*.

D. MARIA.

Elle ahí vem.

ALFREDO.

Deixem-me só. (*Sa em*).

Scena 13.^a

ALFREDO E THÔME'

ALFREDO.

Quero provar-lhe ao menos, que não ignoro as suas ladroeiras.

THÔME'

Oh ! Eis finalmente Flora nos seus dominios !

ALFREDO.

E' verdade ! Infelizmente, porém, tendo a meu lado o senhor Thomé, symbolo da astucia e velhacaria !

THOME'

Muito obrigado... não mereço tanto ! (*á parte*) Peor é essa !

ALFREDO.

Estimei muito encontral-o depois de tantos mezes de ausencia... sabe porque ?

THOME'

De certo que não ?

ALFREDO.

Para dizer-lhe apenas, que meu padraſto poucos momentos antes de expirar, declarou existirem em seu poder diversas quantias, das quaes não tinha recibo ; mas que em todo caso ſuppunha, que o ſenhor não poria duvida em m'as entregar.

THOME'

(*A' parte*) Esta só pelo diabol (*alto*) Mas ſendo eſſe um negocio de importancia, e que me compromettia de alguma fórma, admira que o ſenhor não me procurasse á mais tempo...

ALFREDO.

E como poderia fazel-o, ſe o ſenhor ausentou-se e não diſſe para onde ?

THOME'

Indagasse.

ALFREDO.

(*Com intensão*) Era eſcusado...

THOMÉ'.

Porque ?

ALFREDO.

(Idem) Porque sei que o senhor ..*não tem essas quantias!*

THOMÉ'.

Ah ! isso é outro caso... conheceu seu padrasto e sabe, que elle mentiu em dizer que m'as tinha entregado...

ALFREDO.

Não senhor... conheço-o, e sei...

THOMÉ'

O que ?

ALFREDO.

Que o senhor Thomé... *é um ladrão !*

THOMÉ'

(Com idiotismo) O senhor insulta-me !

ALFREDO.

Não senhor, passo-lho o recibo... estamos quites. *(sae)*

Scena 14.^a

THOMÉ'

Obrigadô. E que tal ! Não devo incommodar-me... são efeitos das pimentas da Bahia,..e demais fico rico. Qui-

zesse a velha fazer commigo uma junção commercial e matrimonial, que eu te diria se vias mais um vintem d'esta riqueza, meu pedaço d'asno. Homem, o diabo dizem que um dia sae de traz da porta... eu nada perco em deitar o barro á parede... se pegar pegou, e se não, é o mesmo... arranjado já eu fico!

CHERUBINO

(Dentro) Pois eu quero pra mim...

THOME'

O que quererá aquelle estúpido!

Scena 15.ª

THOME' E (CHERUBINO.

CHERUBINO.

(Com uma grande faca picando fumo para fazer um cigarro) O' patricio, vos é disse que o meu compadre e commendador não lhe deu dinheiro nenhum?

THOME'

Disse, e sustento!

CHERUBINO.

Ora, chô mico! *Antão-se* eu não sei que vossé lidava c'os cobres d'elle...

THOME'

Mas nada tinha em meu poder quando morreu...

CHERUBINO.

Ah ! vossê quer historia ! (*chegando á porta*) Cá-delle o papel ?

THOME'

Eu estou quasi saltando uma d'estas janellas... este diabo vem fallar-me em dinheiro armado de faca. (*Maria Conga, chega á porta e dá a lista a Cherubino*).

CHERUBINO.

(*A Thomé que vae a sahir*) Scio ! Vossê não quêra disimbestar por que *antão-se* é que o pialo direito, hein ! Aqui's-tá o papel.

THOME'

Mas...

CHERUBINO.

Tome... veja, e diga se não é verdade...

THOME'

Vejo aqui uma lista de diversas quantias, sem declaração alguma...

CHERUBINO.

Arrepare bem...

THOME'

Oh !

CHERUBINO.

Antão-se ! Que diz ?

THOME'

(Lendo) Declaro que é verdade existirem em meu poder estas quantias, recebidas por empréstimo da mão do senhor commendador Costa; as quaes entregarei ao senhor Cherubino Chico, no prazo de oito dias, a contar da presente data! — (declamando) Mas isto é um roubo... e a letra d'esta declaração...

CHERUBINO.

Não tem o mesmo fucinho da outra... E' o mesmo... passa por sua.

THOME'

Minha!

CHERUBINO.

Pois vossê não vae assignar isso, home?

THOME'

Eu, nunca!

CHERUBINO.

Máu, máu, máu! Ande que está tudo esperando, home! Est'ali uma penna... mexa-se.

THOME'.

Não é possível pagar aquillo que não comi...

CHERUBINO.

Adeus, tia Chica! Vossê não quer mais comer farinha n'este mundo.

THOME'.

(*A' parte*) Este diabo é capaz de me matar... Ora para que me havia de dar a curiosidade de vir a esta casa !

CHERUBINO.

(*Com um grito*) Ande com trezentos diachos !

THOME'

(*Assustado*) Aqui estou... (*pega na penna e assigna*) Fico outra vez pobre como rato de igreja ! E' bem feito ! eu não tinha nada que fazer aqui !

CHERUBINO.

Agora mande-se rolar *no mais*.

THOME'

Estou outra vez desgraçado !

CHERUBINO.

(*Na porta*) Aqu'istá, minha gente. O *home curcuiou* um pouco, mas *domou-se* !

Scena 16.'

OS MESMOS, ALFREDO, D. MARIA, AMELIA E CARLOS.

(*D. Maria, Carlos e Amelia formam um grupo junto á porta*)

ALFREDO.

(*Descendo*) Ainda aqui !

THOMÉ.

E porque não ? Já assignei o papel.... agora espero que continue a utilizar-se dos meus serviços... estou prompto a fazer todos os sacrificios pela sua familia.

ALFREDO.

Eu espero mesmo um grande obsequio seu...

THOMÉ'.

Oh ! meu amigo ! é só dizer !

ALFREDO.

Conheço-o, e sei quaes são os sentimentos repugnantes que o caracterizam... tenho por isso toda a convicção de que o seu contacto é tão prejudicial e venenoso, que ha-de infallivelmente destruir a felicidade de qualquer familia em cuja casa o senhor tiver entrada; peço-lhe pois que se retire da nossa.... Aprompte o total das quantias que tem de entregar ao senhor Cherubino, que elle no fim do praso irá procural-o aonde o Sr. se achar.

THOMÉ.

Muito obrigado (*sahindo*) Com a minha ambição tudo perdi... até a vergonha ! (*sac*).

Scena 17.

OS MESMOS MENOS THOMÉ'

ALFREDO.

Ainda não tive tempo de lhe dizer, minha mãe, que fomos dispensados do serviço.

D. MARIA.

(A Carlos) Não fizeste mais do que cumprir o que nos prometteste. (*Descem todos*).

CARLOS.

Não podia deixar de fazel-o. O motivo que nos levou á campanha foi destruido : a provincia deixou de sentir sobre o seu sólo o peso do inimigo. E demais a nossa felicidade aqui é impossivel... precisamos ausentar-nos para muito longe.

ALFREDO.

Sem duvida ! Minha esposa, assim devo tratal-a, disse-me um dia, que desejava viver na Europa, longe do reflexo d'estas scenas tristes e repugnantes de que fomos victimas; annuindo a esse desejo participo-lhes, que apenas effectuarmos o nosso casamento, que será o mais breve possivel, embarcaremos no primeiro vapor. Sinto deixar a minha querida patria, e ainda mais nas circumstancias actuaes; mas o destino assim o quiz.

D. MARIA.

Tens razão, meu filho; devemos sair d'aqui o mais breve possivel, visto ser esse o unico meio de satisfazer a nossa querida Amelia.

ALFREDO.

E de vermos completa a nossa felicidade.

CHERUBINO.

Ainda falta uma coisa. Eu estava á sua espera *pra mórde vomitar uma lembrança* que tenho mesmo aqui... (*indica a garganta*) ha muito tempo. Seu Alfredo, vossê sa-

be, que as linguas damnadas não se *domam* ! A sua mãe morou no meu rancho muitos annos e... eu quero que ella se case comigo. Serve ?

D. MARIA.

Eu lhe respondo. Ha tambem muito tempo que tenho esse desejo, mesmo para dar uma satisfação á sociedade pelos annos que morei em sua casa. Esperava outra occasião, mas n'este momento é mais opportuno. Senhor Cherubino, assim como o senhor me salvou a vida, ella pertence-lhe; serei sua esposa com todo o prazer.

ALFREDO.

Muito bem, minha mãe !

CHERUBINO.

(*Ajoelhando e beijando-lhe a mão*) Estou pago no mais ! Tambem já estava tão *acarentado* com ella !...

CAE O PANNO.

Aos actores e actrizes que representam os dous typos — Cherubino e Maria Conga.

Raros são os brasileiros que, em suas rapidas dicções não pronunciam os — es — finaes das palavras, e mesmo alguns intermediarios com sons de — is — ; por consequencia baseado n'este axioma, o Cherubino deverá ser representado com a insignificante substituição de letras que adrede colloquei em seu desenvolvimento, para evitar o ridiculo exagero, que geralmente se encarna n'estes typos, quando o artista só comprehende que alongando a phrase e batendo a syllabas, tem cumprido a sua missão. A Maria Conga, além de estar sob peores condições, quanto ao exagero, se fosse descripta com a rigorosa pronuncia, teria a actriz que a representasse de lutar tambem com a necessidade de um interprete, que explicasse ao publico a verdadeira intenção de suas palavras; é pois conveniente conserval-a como se acha.

O autor.

ERRATA.

- Página 17 linha 6—e nunca chegam &—leia-se—e por
consequencia nunca chegam &.
- » 36 » 2—Lembras-te do que me promet-
teste & — leia-se — E' o segundo
motivo que fazia-me procurar te.
Lembras-te do que me promet-
teste &.
- » 63 » 7—Scena 4.—leia-se—Scena 3.^a
- » 79 » 21—lanchá—leia-se—candá.
- » 117 » 16—cabôculo—leia-se—cabôclo.
- » 118 » 18— » — » — »
- » 119 » 17—tervoso—leia-se—nervoso.
- » 121 » 23—A're um, um.....—leia-se—A're
diabo.... (gemendo) um, um....
- » 124 » 5—mantungu—leia-se—matungo.
-

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).